

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA E COGNIÇÃO**

Luciane Vieira

**A CRÔNICA, O LEITOR E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

Santa Cruz do Sul

2011

Luciane Vieira

**A CRÔNICA, O LEITOR E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Linha de Pesquisa em Texto, Subjetividade e Memória, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Eunice Terezinha Piazza Gai

Co-orientadora: Prof^ª. Dr. Nize Maria Campos Pellanda

Santa Cruz do Sul

2011

Luciane Vieira

**A CRÔNICA, O LEITOR E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Linha de Pesquisa em Texto, Subjetividade e Memória, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Dr. Eunice Terezinha Piazza Gai
Professora Orientadora - UNISC

Dr. Nize Maria Campos Pellanda
Professora Co-orientadora – UNISC

Dr. Fabiana Piccinin
Professora examinadora - UNISC

Dr. Ernani Mügge
Professor examinador

Santa Cruz do Sul
2011

À memória de minha tão amada mãe, um anjo na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar entusiasmo e condições para realizar os meus sonhos.

Aos meus queridos pais, Assis José Vieira e Noemia Nunes Vieira (*in memoriam*) e a meus irmãos, Ivone, Paulo Arley, Leoni, Nilson e Eleida, por sempre acreditarem em mim, motivando-me a ir mais longe.

Ao meu esposo, Sérgio C. Bona Sartor, e a meu amado filho, Eduardo Vieira Sartor, por facilitarem meu estudo, pela compreensão nos momentos de ausência e pelo amor que compartilhamos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, da Universidade de Santa Cruz do Sul, responsáveis, em grande parte, pela minha reconfiguração, enquanto pessoa interessada em crescer como ser humano.

Em especial, às professoras Dr. Eunice Terezinha Piazza Gai e Dr. Nize Maria Campos Pellanda, por terem me orientado, sempre com grande competência, respeito, confiança, compreensão e incentivo.

Aos colegas de mestrado, pela amizade e trocas enriquecedoras no período em que estivemos juntos.

À Direção do Colégio Militar de Santa Maria, pelo apoio ao constante aperfeiçoamento de seus docentes.

Aos colegas do Colégio Militar de Santa Maria, pelo companheirismo, carinho e atenção dedicados a mim.

Aos meus alunos, por manterem acesa a vontade de ser uma professora melhor.

A todos que colaboraram, de uma forma ou de outra, para a execução deste trabalho de pesquisa.

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
[...]*

Cecília Meireles

RESUMO

A presente dissertação enfoca os processos de construção de sentido que envolvem a crônica literária e seu significado para a formação da subjetividade do leitor, na sociedade contemporânea, através da descrição, interpretação, discussão e reflexão de autonarrativas produzidas, a partir da leitura de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, por alunos de 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública federal da cidade de Santa Maria – RS. Numa perspectiva autopoietica, as produções textuais dos sujeitos da pesquisa demonstram que a literatura pode ser considerada um gatilho potencializador para novas configurações do ser, no sentido de que a leitura do texto literário pode levar o leitor à reflexão, à crítica e à consequente transformação, na sua relação consigo e com o outro. Para embasar a nossa pesquisa, utilizamo-nos da teoria de Vigotski, Larrosa, Bruner, Petit, Maturana e Varela, Connely e Clandinin, entre outros, que tratam do assunto em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura. Leitor. Produção de subjetividade. Autonarrativas.

ABSTRACT

This dissertation focuses the processes of construction of meaning that involve the literary chronicle and its meaning for the formation of the reader's subjectivity in the contemporary society, through the description, interpretation, discussion and reflection of auto narratives which were produced by first year high school students of a federal public school in Santa Maria – RS, after the reading of a chronicle by Luis Fernando Veríssimo. In an autopoietic perspective, the text productions of the research subjects show that the literature can be considered a potential trigger for new configurations of the human being, in a sense that the literary text reading can lead the reader into the reflection, critics and the subsequent transformation of his/her relation with him/herself and with the others. In order to do our research, we have based our studies on the theories by Vigotski, Larrosa, Bruner, Petit, Maturana and Varela, Connely and Clandinin, among others, who approach the topic of this work.

KEY WORDS: Reading. Literature. Reader. Subjectivity Production. Self-narratives.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AS PERSPECTIVAS DE SENTIDO NA LITERATURA.....	12
2.1	Texto literário, leitor e subjetividade.....	13
2.2	Sociedade contemporânea e educação estética.....	21
3	DESVENDANDO A CRÔNICA.....	27
3.1	Evolução do termo.....	27
3.2	Características do gênero.....	31
3.3	Eis que surge Machado de Assis.....	38
3.4	Luis Fernando Verissimo: um cronista contemporâneo.....	40
4	A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA.....	43
4.1	As autonarrativas.....	44
4.2	A metodologia aplicada.....	48
4.2.1	O trabalho com o texto.....	51
4.2.2	O leitor e a produção de autonarrativas.....	51
5	A EXPERIÊNCIA NARRATIVA.....	54
5.1	A crônica <i>Caras novas</i> , de Luis Fernando Verissimo.....	54
5.2	O leitor e a crônica <i>Caras novas</i>	57
5.2.1	Investigação das autonarrativas produzidas a partir da leitura não mediada	58
5.2.2	Investigação das autonarrativas produzidas a partir da leitura mediada.....	67
5.2.3	Relação das autonarrativas produzidas a partir da leitura não mediada e da leitura mediada.....	72
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS.....	81
	ANEXO A – Termo de Consentimento.....	86
	ANEXO B – A crônica <i>Caras novas</i> , de Luis Fernando Verissimo.....	89
	ANEXO C – Cópia das autonarrativas produzidas pelos alunos a partir da leitura não mediada.....	91
	ANEXO D – Cópia das autonarrativas produzidas pelos alunos a partir da leitura mediada.....	127

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito descrever a produção de subjetividade que ocorre no contato entre leitor e texto literário, por considerarmos esse assunto de extrema relevância para a formação do sujeito social, principalmente na sociedade conflituosa e fragmentada em que vivemos.

A ideia inicial para esta pesquisa surgiu a partir da nossa experiência como docente coordenadora/mediadora de um clube de leitura oferecido, no contraturno escolar, para alunos voluntários, no Colégio Militar de Santa Maria. Ao longo de vários anos e de muitas práticas, percebemos que esses alunos-leitores, ao participarem do clube, buscavam, ainda que de forma inconsciente, vivenciar experiências, encontrar-se (seu mundo e a si mesmos), subjetivar-se, reconfigurar-se, na medida em que os textos faziam sentido.

Reconhecendo que o desenvolvimento dessas práticas era bastante intuitivo e considerando importante entender o processo que envolve a leitura do texto literário, na perspectiva criadora de sentidos, revolvemos pesquisar a relação existente entre a literatura, o leitor e a produção de subjetividade, buscando um referencial teórico para fundamentar a discussão em questão.

No âmbito da literatura, optamos pela crônica, como texto a ser estudado, por acreditarmos que o texto narrativo, mais especificamente a crônica, atua de forma prazerosa e reflexiva no processo de configuração/reconfiguração do leitor, o que é de extrema relevância para a formação do sujeito social.

Um dos objetivos deste trabalho é levar adiante a reflexão sobre a relação possível entre texto narrativo e vida, importante para, dentre outros profissionais, nós, educadores preocupados com o ser em formação que, por um dado período, se encontra também sob nossa responsabilidade. Certamente, essa ideia não é exatamente uma novidade. Mesmo assim, acreditamos que tudo o que diz respeito à formação do ser humano deve ser constantemente repensado e aperfeiçoado.

O ensino tradicional sempre insistiu em utilizar o texto literário para transmitir conhecimentos, tais como História ou Geografia, por exemplo, “em destacar de uma obra os seus elementos não artísticos, em tomar essa obra como pretexto para fazer suposições acerca de algumas regras morais” (VIGOTSKI, 2004, p. 327). Com essa tendência, a escola não só

não educa para o sentimento estético, para os fenômenos e fatos literários, como também gera no aluno uma aversão ao texto.

A recepção da obra de arte constitui-se numa atividade complexa, que vai muito além do que a prática escolar tem disseminado. O prazer artístico requer uma elevada atividade psíquica, a qual pretendemos compreender para tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz.

Por isso, encaramos esta pesquisa como necessária e urgente. Acreditamos que é importante entender os processos de construção de sentido que ocorrem na relação entre texto literário e receptor, para que a vivência estética não seja feita aleatoriamente. Entendemos que a escola deve estar preparada para possibilitar e desenvolver em seus educandos atividades consistentes com o texto, sem banalizar a obra de arte e a capacidade criadora de seus receptores.

Nosso estudo está organizado em quatro capítulos, que tratam da experiência literária como produtora de subjetividade. Pesquisamos, na tradição, aspectos teóricos sobre a arte literária, mais especificamente sobre a crônica, para investigar as formas subjetivas que se efetivam no processo de leitura e se expressam nas autonarrativas, buscando entender as representações discursivas dos sujeitos da pesquisa, alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Militar de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

No primeiro capítulo, com base em autores como Aristóteles (2007), Vigotski (1999 e 2004), Larrosa (2006), Bruner (1997), Iser (1999), entre outros, buscamos entender a importância da literatura para a formação do ser humano, através da relação que se estabelece entre o texto literário, o leitor e a produção de subjetividade, indissociáveis nas suas relações, uma vez que se constituem no indivíduo de maneira integral. Exploramos também o clássico conceito de catarse, por acreditarmos que a leitura pode ser um gatilho para que esse fenômeno de purgação dos sentimentos ocorra com o sujeito leitor, possibilitando a sua reconfiguração.

Em *Sobre a Crônica*, segundo capítulo desta dissertação, baseando-nos em autores como Moisés (1978), Arrigucci Jr. (1987), Bender e Laurito (1993), Ferreira (1998), Pereira (2004) e outros, procuramos traçar um perfil da crônica, percorrendo a evolução semântica do termo, desde a origem na Grécia até os dias de hoje. Apresentamos as principais características empregadas na construção desse gênero. Ainda, destacamos a grande contribuição de Machado de Assis e Luis Fernando Verissimo para o exercício da crônica. O primeiro, principalmente, por ter conferido autonomia estética ao gênero; o segundo, por ser um dos artistas responsáveis pela popularização da crônica no Brasil.

No terceiro capítulo, intitulado *A investigação narrativa*, enfocamos as autonarrativas como ferramenta de pesquisa de caráter formativo, importante para a reflexão sobre a prática pedagógica na sociedade contemporânea. Ressaltamos que, através desse tipo de produção textual, o sujeito organiza suas experiências, reflete sobre elas e constrói-se de forma integral. Como suporte teórico, empregamos, principalmente, os estudos de Maturana e Varela (1990), Pellanda (ANO), Cunha (1997), Larrosa (2006) e Connely e Clandinin (1995).

Também, nesse capítulo, apresentamos a metodologia aplicada neste estudo. Pretendemos explicitar os processos de construção de sentido que envolvem a crônica literária e seu significado para a formação da subjetividade do leitor, na sociedade contemporânea, através da descrição, interpretação, discussão e reflexão das autonarrativas produzidas pelos sujeito investigados.

No quarto capítulo, tratamos da experiência narrativa, procedendo ao estudo da crônica *Caras novas*, do autor contemporâneo Luis Fernando Verissimo, que apresenta temática presente no nosso cotidiano. Em seguida, investigamos a relação estabelecida entre o leitor e o texto literário selecionado, a partir das autonarrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa, em duas situações: sem mediação e com a mediação do grupo de alunos e da nossa, enquanto professora investigadora.

No conjunto do nosso trabalho, empregamos uma abordagem que prioriza o papel do discurso nas novas configurações sociais, considerando importante incorporar essa prática no contexto escolar, a fim de que as pessoas possam organizar as suas experiências, praticar uma reflexão de si, na relação com o outro e com o mundo.

2. AS PERSPECTIVAS DE SENTIDO NA LITERATURA

[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura.

Antônio Cândido

A literatura é uma manifestação estética de grande valor, uma vez que o texto literário tem uma dimensão plurissignificativa, que possibilita a criação de novas relações de sentido, ampliando a percepção da realidade. Seu caráter dialógico torna a atividade de leitura de textos literários fundamental na formação do ser humano, uma vez que se constitui como experiência de mundo e de si mesmo, levando o leitor à reflexão sobre a condição humana. Cada vez mais, essa prática é preocupação constante de pais e professores, que querem ver seus filhos e/ou alunos colhendo os frutos que a leitura proporciona.

Assim, constantemente, são lançados programas escolares e governamentais de incentivo à leitura. Porém, a leitura do texto literário é vista por muitos discentes como atividade feita por obrigação. A nossa pretensão, com este trabalho, é explicitar os processos de construção de sentido envolvidos na leitura do texto literário narrativo para que se torne uma prática consciente e atrativa, deixando de ser um mero recurso avaliativo ou exercício imposto pelos currículos escolares.

Consideramos isso possível, se tanto o professor/mediador quanto o aluno/leitor passar a entender e a sentir a complexidade existente na interação entre leitor e texto, na medida em que a leitura de textos literários constitui-se numa atividade que promove a liberdade do sujeito que com ela interage. Através dela, apresenta-se o novo, aquilo em que ainda não havíamos pensado, pois a literatura coloca em xeque convicções, hábitos estereotipados, padrões sociais e linguísticos, muitas vezes diferentes dos do leitor (ALMEIDA, 2010). Ao proporcionar “novos modos de pensar e de existir” (p. 07), permite-nos fazer questionamentos e reflexões sobre as questões apresentadas, possibilitando que o estado das coisas seja alterado.

Entre o leitor e a leitura existe “uma relação constituinte, configuradora, aquela em que a palavra tem o poder de formar ou transformar a sensibilidade e o caráter do leitor” (LARROSA, 2006, p. 46). É por isso que a literatura é um dos modos de compreendermos a nós mesmos.

Mas a literatura de que estamos falando

não é aquela que se dirige diretamente ao leitor, dizendo-lhe como ele tem de ver o mundo e o que deverá fazer, não é aquela que lhe oferece uma imagem do mundo nem a que lhe dita como deve interpretar-se a si mesmo e às suas próprias ações; mas tampouco, é a que renuncia ao mundo e à vida dos homens e se dobra sobre si mesma (LARROSA, 2006, p. 126).

A literatura de que estamos falando suscita a reflexão, a crítica e a transformação, questionando o já pensado, as verdades absolutas, as convenções pré-estabelecidas, aquilo que nos é imposto.

A leitura literária, segundo Aguiar (2007), tem um papel social muito mais abrangente que a leitura de textos informativos, uma vez que esta nos fala de assuntos particulares, aquela “dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra uma significação humana mais ampla” (p. 28), levando o leitor “a constituir novos sentidos e, conseqüentemente, crescer como ser humano” (p. 32-33).

Não nos restam dúvidas sobre a importância da literatura. Resta-nos explicitar os processos produtores de sentido que envolvem o texto literário e o leitor e, nesse contexto, como se constitui a subjetividade no sujeito.

2.1 Texto literário, leitor e subjetividade

Nesta pesquisa, tratamos da importância do texto literário, mais especificamente da crônica, como elemento de construção do sujeito leitor. Por acreditarmos nessa potência que é o texto literário, é que o reconhecemos como produtor de subjetividade. Mas definir a palavra subjetividade não é tarefa das mais fáceis, já que o termo possui um significado bastante abrangente.

Na tentativa de esclarecer o conceito de subjetividade, buscamos ajuda, primeiro, em Houaiss e Villar (2001), autores que definem a palavra como “realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano, passível de manifestar-se simultaneamente nos âmbitos individual e coletivo, e comprometida com a apropriação intelectual dos objetos externos” (p. 2624-2625). Essa definição possibilita-nos entender o processo produtor de subjetividade como indissociável nas suas relações, uma vez que se constitui no indivíduo de maneira integral.

Recorremos também a Rey (2003), autor que, ao tratar do assunto, em sua obra *Sujeito e Subjetividade*, esclarece que

O reconhecimento da subjetividade como sistema complexo, impossível de ser decomposto em seus componentes elementares, o define como um sistema dialógico-dialético, que de forma constante se desenvolve dentro de outros sistemas em relação aos quais atua em sua dupla condição de constituinte e constituído, como são o sujeito e a subjetividade social (REY, 2003, p. 266).

Nessa perspectiva, no processo formador de subjetividade, interagem o individual e o social/coletivo, espaços que, ao se relacionarem, vão se desenvolvendo no sujeito, dando a ele a possibilidade de configurar-se de forma contínua e permanente, tanto no que se refere as suas marcas singulares, quanto as suas crenças e valores culturais compartilhados. Assim, cada um de nós, enquanto sujeito social, ocupa um papel dentro da sociedade em que vive, relacionando-se consigo e com o outro.

Essa abordagem é considerada complexa no sentido de que cognição e subjetividade são vistas de maneira inseparável. Diferentemente da ciência de orientação positivista, que busca verdades absolutas para a compreensão do universo do ser humano, surge uma nova concepção de ciência, segundo a qual o conhecimento emerge da interação entre o sujeito e o seu contexto linguístico e cultural, interação essa que é interpretada pelo próprio sujeito. Nessa concepção, o ser humano passa a ter um papel ativo na construção de significados.

Essa ideia de que os seres vivos são seres autônomos e auto-organizadores que se produzem a si mesmos, num processo em que o conhecimento é inerente ao processo de viver, é conhecida por *autopoiesis*, termo criado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, no início da década de 1970, a partir de dois vocábulos gregos: *auto*, que significa por si, e *poiesis*, que indica produção.

O conceito de *autopoiesis* está inserido na teoria da Biologia da Cognição, segundo a qual, na construção do sujeito, o que é externo não o determina, apenas o perturba, fazendo com que ocorra um contínuo acoplamento estrutural, ou seja, um contínuo processo de configuração do sujeito. Nesse contexto, a linguagem aparece como elemento central da construção do conhecimento, como uma forma de construção do mundo e de nós mesmos, pois é através dela que construímos a nossa experiência.

Em relação à experiência literária, conforme Almeida (2010), não existe a dissociação entre o sentido e o sentimento, como ocorre com a informação. A emoção sentida, ao ler um texto literário, aponta para o próprio sentido do texto. Pensarmos a produção de subjetividade a partir da literatura é pertinente, já que ela não implica nem respostas, nem verdades; pelo contrário, constitui-se num campo de relativismo. Assim, esse encontro produtor de singularidades, para o autor, é capaz de transformar a rede afetiva e cognitiva do sujeito.

Então, a partir do texto literário, o leitor pode reorganizar os elementos de seu mundo sob a forma que julga ser possível e melhor para ele naquele momento, podendo numa outra ocasião reformular suas abordagens.

Para este trabalho, um fundamento importante a ser explorado é o clássico conceito de catarse, fenômeno de purgação, purificação dos sentimentos que acreditamos seja possível ocorrer através do contato com a arte, promovendo no sujeito a reconfiguração da subjetividade que o constitui. Para abordá-lo, apoiamo-nos em autores renomados que se preocuparam com o assunto, tais como Aristóteles (2007), Larrosa (2006), Vigotski (1999 e 2004), Iser (1999), Bruner (1997), entre outros.

É de Aristóteles (2007), com a *Poética*, o primeiro texto de que temos conhecimento que analisa as formas de arte e literatura. Nessa obra, tanto o conceito de mimese (ação) quanto o de catarse são fundamentais para que possamos compreender a amplitude da definição de Tragédia.

Esse gênero “é imitação, não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade” (ARISTÓTELES, 2007, p. 36) que, devido à desgraça dos personagens, provoca a compaixão e o terror em seus observadores, podendo levá-los à purgação dessas emoções. Pelas reações que produz, a mimese, na obra aristotélica, apresenta uma dimensão ontológica, possibilitando um conhecimento profundo acerca da natureza do ser humano.

No capítulo intitulado *Os paradoxos da autoconsciência*, da obra *Pedagogia profana*, Larrosa (2006) observa também a ideia do particular para o universal como forma de nos subjetivarmos, ao se referir a Jean Jacques Rousseau, autor que, inaugurando a biografia moderna, na série *Confissões-Diálogos-Sonhos*, escreve a sua história com a qual o leitor/ouvinte se identifica: “E, talvez nessa história em que um homem se narra a si mesmo, nessa história que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos” (p. 21). Esse pensamento fica ainda mais claro quando o autor destaca que as histórias que são contadas e recontadas

[...] são contos e lendas que capturaram a imaginação ocidental, que foram indefinidamente repetidos e renovados e, em cujas reiterações e variações se poderia traçar, em parte, a história da alma européia: a história definitivamente, de todos e de cada um de nós. Todos somos um pouco Ulisses, um pouco Cristo, um pouco Sócrates, um pouco Rousseau. E também um pouco Abraão, Prometeu, Antígona, Gulliver, Alonso Quijano, Macbeth, Édipo, Robinson, Fausto, Wilhelm Meister, capitão Ahab, Ulrich ou o agrimensor K. (LARROSA, 2006, p. 21-22).

Nesse fragmento, o autor trata da identificação, a partir da leitura do texto literário, do leitor/ouvinte com a personagem. Dessa forma, entendemos que, através da mimese, que vai do particular para o universal, configura-se a dimensão ontológica da literatura. Assim, dando sentido ao texto experienciado, “cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras, a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu” (LARROSA, 2006, p. 23).

Como efeito desse processo de construção de sentido pelo qual passa a obra de arte, encontramos a *catarse*, que é a sensação de alívio de conflitos vivenciados pelo espectador/leitor, mas que não está ligada a nenhum efeito moral, como afirma Lesky (1976), no livro *A tragédia grega*.

É possível afirmarmos que a imagem representada pode provocar prazer, conhecimento e discernimento naqueles que a observam, levando-os a identificar situações e personagens reais. No entanto, é importante deixarmos claro que o poeta não tem obrigação com a verdade dos fatos, mas com o que poderia ter ocorrido, com a necessidade ou verossimilhança. Além disso, através da imitação, “objetos reais que não conseguimos olhar sem custo, contemplamo-los com satisfação em suas imagens mais exatas” (ARISTÓTELES, 2007, p. 30). Daí, concluímos que o distanciamento que ocorre entre imagem/texto e observador/leitor pode ser um elemento importante para desencadear estímulos que levam o sujeito à reflexão e, conseqüentemente, à configuração/reconfiguração de sua subjetividade.

Essa compreensão de como a mimese e a *catarse* colaboram para a formação do ser levou-nos a buscar maiores esclarecimentos a respeito da reação estética provocada pela arte. Recorremos, então, a Vigotski (1999 e 2004), autor que, ao aprofundar o conceito de *catarse*, primeiramente definido por Aristóteles, traz uma grande contribuição ao estudo da literatura.

Diante da obra de arte, conforme Vigotski (1999), o observador passa por três momentos: uma estimulação, uma elaboração e uma resposta (reações posteriores). Esses momentos são definidos pelos campos da percepção, da imaginação criativa (fantasia) e do sentimento. Este último está intrinsecamente ligado ao sentido da arte, uma vez que a emoção sentida, ao ler um texto literário, por exemplo, aponta para o próprio sentido do texto.

O autor aborda campos trabalhados pela psicologia da arte, como percepção, imaginação e sentimento para ressaltar que já não se aceita mais a concepção ingênua de que a arte provoca apenas prazer estético. Corroborando com essa ideia, Müller-Freienfels (1922), citado por Vigotski (1999), “considera firmemente estabelecido que o prazer artístico não é mera recepção mas requer uma elevadíssima atividade do psiquismo” (p. 258). Nessa perspectiva, a percepção aparece subordinada à imaginação e ao sentimento.

Sendo assim, aquele que se interessa pela relação interna entre a percepção da arte, que leva à imaginação criadora, e o sentimento manifestado por ela deve se “apoiar em sistemas psicológicos que baseiam as suas interpretações na relação existente entre fantasia e sentimento” (VIGOTSKI, 1999, p. 263).

O que produz o efeito catártico da reação estética, conforme Vigotski (1999), é a oposição entre as emoções antagônicas provocadas pela forma e pelo conteúdo da obra de arte. Essas emoções

[...] encontram a sua descarga natural naquela atividade da fantasia que sempre requer de nós a percepção da arte. Graças a esta descarga central, retém-se e recalca-se extraordinariamente o aspecto motor externo da emoção, e começa a nos parecer que experimentamos apenas sentimentos ilusórios. É nessa unidade de sentimento e fantasia que se baseia qualquer arte. Sua peculiaridade imediata consiste em que, ao nos suscitar emoções voltadas para sentidos opostos, só pelo princípio da antítese retém a expressão motora das emoções e, ao pôr em choque impulsos contrários, destrói as emoções do conteúdo, as emoções da forma, acarretando a explosão e a descarga da energia nervosa (VIGOTSKI, 1999, p. 272).

O autor promove o cruzamento dessas emoções, de maneira a conciliar os sentimentos divergentes na consciência do espectador/leitor. Nesse processo, acredita que o conteúdo é superado pela forma, pois é através desta que “o artista consegue o efeito de destruir ou apagar o conteúdo” (p. 272).

Em relação a isso, Schiller (1957) afirma que

[...] quanto mais magnificente, ambicioso e sedutor é o conteúdo em si, quanto mais seu efeito o coloca em primeiro plano, ou quanto mais o espectador tende a deixar-se levar pelo conteúdo, tanto maior é o triunfo da arte, que desloca o conteúdo e estabelece seu domínio sobre ele” (SCHILLER, 1957 apud VIGOTSKI, 1999, p. 272).

Desse modo, a reação estética tem seu ponto culminante na descarga e transformação de sentimentos, ou seja, as emoções conflituosas que constituem o conteúdo da obra de arte transmutam-se, gerando uma sensação de alívio no sujeito que interage com ela.

Com base nos estudos realizados por nós, na tentativa de estabelecer uma relação clara entre arte e catarse, ou seja, de compreender qual é o processo decorrente entre a percepção e a purgação, depreendemos que a obra de arte leva o espectador/leitor a uma contradição emocional, suscitando uma série de sentimentos opostos, que destroem sua energia nervosa (essência de todo sentimento) como se fosse uma explosão. Assim, quanto maior o dispêndio de energia nervosa, maior é a comoção causada pela arte.

“A obra de arte está organizada e construída de tal modo que estimula no organismo um tipo de reação diferente do que habitualmente ocorre” (VIGOTSKI, 2004, p. 333). No entanto, durante muito tempo, manteve-se a ideia de passividade absoluta da percepção estética. Essa postura diante da obra de arte é considerada apenas em parte verdadeira, pois também é necessária uma atividade complexa por parte do observador, que ocorre, conforme vimos anteriormente, em três momentos: uma estimulação, uma elaboração e uma resposta. Assim, através das impressões externas da obra de arte, o “receptor constrói e cria o objeto estético para o qual já se voltam todas as suas posteriores reações” (VIGOTSKI, 2004, p. 333).

O resultado dessa construção é o que Wolfgang Iser (1999), ao tratar da narrativa em *O ato de ler*, chama de texto virtual. Ele diz que o leitor recebe a narrativa compondo-a; desse modo, a partir do texto real, o leitor é o escritor de seu texto virtual, porque, segundo o autor, os textos literários apenas iniciam as representações de significado, mas não formulam os significados por si mesmos. Assim, o leitor, na interação com o texto, não encontra certezas estabelecidas, mas significados dentre uma gama de significados possíveis.

Conforme Larrosa (2006), cada indivíduo, ao tomar consciência de si mesmo, sofre uma mudança, passando a sentir a necessidade de reescrever sua própria história. O fragmento a seguir leva-nos a pensar sobre um ponto interessante, no que se refere à reação estética que se manifesta no receptor de uma obra de arte:

Há muito tempo os psicólogos vêm dizendo que todo o conteúdo e os sentimentos que relacionamos com o objeto da arte não estão contidos nela, mas são por nós incorporados, como que projetados nas imagens da arte, e os psicólogos denominaram empatia o próprio processo de percepção (VIGOTSKI, 2004, p. 334).

A partir disso, entendemos que o texto produzido pelo receptor advém do próprio sujeito, considerando, assim, a obra de arte como um estímulo para as manifestações desse texto. Essa compreensão sustenta a ideia de que “não é somente quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos” (ORLANDI, 1988, p. 58). Dar sentido ao texto, interpretá-lo, relacioná-lo é tarefa do receptor, daí este desempenhar um papel ativo na recepção da obra de arte.

Em relação ao papel preponderante do leitor, Masina (2002, p. 51) ressalta que, “ao ler, criam-se sentidos novos, provisórios, transitórios, dinâmicos, que se transformam a cada leitura, eis que para ela convergem as subjetividades das pessoas e a materialidade dos textos”. Além disso, para a autora, é “na tensão entre subjetividades e objetividades que

ocorre o processo de interpretação literária, no qual os simbolismos articulam-se em formas verbais e em imagens concretas” (p. 51).

Ainda segundo Masina (2002, p. 50), a realidade representada no texto “abrange não só o que os sentidos apreendem, mas – e, talvez, principalmente, - o que eles apreendem e se produz no inconsciente”, isto é, a obra literária produz efeitos que extrapolam a simples percepção do objeto.

Bruner (1997, p. 38) explica que “o ato do autor de criar uma narrativa de um determinado tipo e de uma forma especial não é evocar uma reação padronizada, mas recrutar o que for mais apropriado e emocionalmente vívido no repertório do leitor”. Desse modo, existe uma liberdade do leitor escrever seu texto, a partir de um texto literário, levando em conta fatores psicossociais que o configuram. Por isso, é conveniente que os leitores reconheçam o papel importante que lhes cabe na construção do significado do texto literário.

Ao tratar da reação estética, Bruner (1997, p. 339) chama atenção para o fato de que “o seu objetivo final não é repetir alguma reação real mas superá-la e vencê-la. Se um poema sobre a tristeza tivesse por objetivo final nos comunicar apenas tristeza, isto seria triste demais para a arte”. Assim, a reação estética prevista não é o receptor repetir o sentimento angustiante tratado na obra, mas colocar-se acima dele, superando-o, transformando o tema referencial real em algo novo. É através dessa emoção dialética que a atividade estética possibilita a catarse.

Nessa perspectiva, todo esse processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita é tratado como grande responsável e possibilitador da reconfiguração contínua e permanente do indivíduo, como podemos ver no fragmento a seguir:

Mas essa aventura conduz até onde não estava previsto, à consciência de que o eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose. E essa metamorfose tem seu arranque e sua força impulsora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita. Só lendo (ou escutando), como Jean Jacques em relação a Plutarco, alguém se faz consciente de si mesmo. Só escrevendo (ou falando), como fez Rousseau nas Confissões, alguém pode fabricar um eu. Mas nosso personagem aprendeu que ler e escrever (escutar e falar) é colocar-se em movimento, é sair sempre para além de si mesmo, é manter sempre aberta a interrogação acerca do que se é. Na leitura e na escrita, o eu não deixa de se fazer, de se desfazer e de se refazer (LARROSA, 2006, p. 39-40).

A aventura a que Larrosa faz referência na citação acima trata-se da série autobiográfica de Jean Jacques Rousseau, *Confissões-Diálogos-Sonhos*, na qual o narrador-protagonista toma consciência de si mesmo, descobre-se e, assim, vai se construindo. A partir disso, é possível afirmarmos que a leitura narrativa e a produção do leitor são fatores relevantes para a constituição/reconstituição do sujeito.

Larrosa (2006) apresenta uma compreensão interessante sobre a atuação da obra de arte no observador. Segundo o autor, ela provoca emoções divergentes, destrói as emoções do conteúdo e da forma, acarretando a explosão e a descarga da energia nervosa. A partir daí, os sentimentos sofrem uma transformação, produzindo uma sensação de alívio, de purificação no sujeito receptor, que se constitui no clássico conceito de catarse. O resultado de tudo isso aparece no texto virtual, que surge, segundo o autor, da necessidade que o indivíduo tem, ao tomar consciência de si mesmo, de reescrever sua própria história.

Nesse processo de produção de subjetividade, a leitura e a escrita são essenciais. A leitura narrativa desperta a consciência, transforma continuamente; já a escrita promove um autoconhecimento, mantendo o indivíduo atualizado sobre si mesmo.

Mas, para que o leitor possa escrever seu texto virtual, a partir de um texto real, são necessárias, conforme Bruner (1997), três características do discurso, que juntas conseguem subjuntivizar a realidade: desencadeamento da pressuposição, sujeitificação e perspectiva múltipla. A primeira trata da criação de significados implícitos, a relação entre o dito e o não-dito, ou seja, a leitura situa-se justamente no modo como o sentido encontra-se para além do escrito; a segunda refere-se à descrição da realidade, através do filtro da consciência dos protagonistas da história; e a terceira ocorre na contemplação simultânea do mundo através de um conjunto de prismas, sendo que cada um deles capta uma parte desse mundo.

Ainda na perspectiva da experiência da leitura, conforme a ideia heideggeriana, a partir do texto literário, ocorre uma inversão de papéis entre texto e leitor: não é o leitor que interroga, interpreta, compreende e se apropria do texto; é o texto que interroga e influencia o leitor, interferindo na sua vida e “convocando-o a ir além de si mesmo, para tornar-se outro” (LARROSA, 2006, p. 101).

Então, a literatura constitui-se num convite “à alteridade, à compreensão da infinidade de ideias e de reações que os seres humanos podem ter ao se relacionarem com um determinado problema existencial” (ALMEIDA, 2010, p.05). No contato com o texto literário, o leitor vivencia as experiências relatadas pelo texto e, dessa forma, extrapola seus próprios limites.

Bruner utiliza-se de metáforas para esclarecer como o leitor atribui significado ao texto literário:

À medida que nossos leitores lêem, à medida que começam a construir seu próprio texto virtual, é como se eles estivessem embarcando em uma viagem sem mapas – e, todavia, eles possuem um estoque de mapas que poderia lhes dar pistas, e, além disso, eles sabem muito sobre viagens e elaboração de mapas. As primeiras impressões do novo terreno são, naturalmente, baseadas em viagens anteriores já

empreendidas. A nova viagem acaba se tornando algo em si mesma, embora muito de sua forma inicial tenha sido tomada emprestada do passado. O texto virtual torna-se uma história em si mesma e sua própria peculiaridade apenas um contraste com o sentido que o autor tem de comum. A paisagem ficcional, finalmente, deve receber uma “realidade” própria – o passo ontológico. É então que o leitor faz aquela pergunta interpretativa crucial: “Do que se trata tudo isto?” Mas o que “isto” é, naturalmente, não é o texto real – não importando a grandeza de seu poder literário – mas o texto que o leitor construiu sob sua influência. E é por isso que o texto real necessita da subjuntividade que possibilita que o leitor crie seu próprio mundo. Como Barthes, creio que o maior presente do escritor para um leitor é ajudá-lo a tornar-se um escritor (BRUNER, 1997, p. 39).

Como podemos ver, para construir seu texto virtual, o leitor conta com sua “bagagem” de vida, suas experiências, crenças, valores, histórias ouvidas ou lidas. Essa produção do leitor torna-se uma história em si mesma, que se configura num passo ontológico, importantíssimo para a formação do ser humano.

2.2 Sociedade contemporânea e educação estética

Na sociedade contemporânea, cada vez mais fragmentada, é importante entendermos os processos psíquicos, emocionais e cognitivos que ocorrem na interação entre texto e leitor para que a produção de subjetividade, inerente ao ser humano, torne-se consciente e reflexiva.

A antropóloga francesa Michèle Petit (2009), em sua obra *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*, acredita no poder da literatura na formação do sujeito e da sua importância em contextos de crises. A autora não se refere apenas a crises vividas durante guerras, mas à crise que é inerente ao ser humano, pois “em algum momento da vida, cada um de nós é um ‘espaço em crise’” (p. 33) e também à crise instalada no mundo todo, uma vez que

[...] a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem (PETIT, 2009, p. 20-21).

Infelizmente, temos que reconhecer que o mundo inteiro, hoje, está em crise, tendo em vista a violência, as catástrofes naturais e as constantes recessões econômicas, para citar apenas alguns fatores que abalam a todos, indiscriminadamente.

Em relação a isso, para Nize Pellanda (2007),

A humanidade, nesse momento, está passando por uma profunda crise que é complexa porque atinge todas as dimensões da existência dos seres humanos. Trata-se de uma crise existencial, pela ausência de valores verdadeiramente humanos, de uma crise social devido a uma injustiça generalizada, de uma crise política causada pelos fundamentalismos ligados à opressão e ainda, uma crise econômica que é resultante de todas essas outras. A crise atinge proporções cósmicas ameaçando o próprio planeta como resultado de ausência de uma consciência integradora (PELLANDA, 2007, p. 01-02).

Assim, é possível dizer que a crise instalada no mundo atual gera uma instabilidade psicossocial no indivíduo, podendo trazer consequências tanto individuais quanto coletivas. Nesse contexto de crise, para Petit (2009), a arte e a literatura apresentam-se como contribuição única para a atividade psíquica, atuando como um fator importante na construção ou reconstrução de si mesmo.

Para confirmar essa tese, a autora apresenta, entre outros, o depoimento do francês Jean-Paul Kauffmann, prisioneiro durante três anos no Líbano, que relata que, quando não tinha mais nada para ler, recuperava através da memória o que já havia lido. Porém, sua preocupação não era com a história em si, mas com aquilo que o texto deixara de significativo para ele. Abaixo, uma parte de seu depoimento:

Eu jamais tinha devorado [um texto] com tamanha intensidade. Esquecia a cela. Enfiado no fundo da minha leitura, produzindo em mim mesmo um outro texto. Fruição estranha, equivalia a uma reconquista provisória da liberdade. [...] Encarcerado e sob a luz de uma vela, conheci a adesão absoluta ao texto, a fusão integral com os símbolos que o compunham – a questão do sentido, repito, era secundária” (KAUFFMANN, 2007 apud PETIT, 2009, p. 16).

Consideramos que não ter habilidade com a leitura e a escrita é, nos dias de hoje, um fator de exclusão social. Acreditamos que a leitura pode contribuir muito para a inserção social e cultural do sujeito, por isso defendemos o seu acesso a toda e qualquer pessoa.

Vigotski (2004) ressalta que “do ponto de vista psicológico a arte constitui um mecanismo biológico permanente e necessário de superação de excitações não realizadas na vida e é um acompanhante absolutamente inevitável da existência humana nessa ou naquela forma” (p. 338). Em relação à educação estética, o autor destaca a sua importância no sentido de que “Educar esteticamente alguém significa criar nessa pessoa um conduto permanente e de funcionamento constante, que canaliza e desvia para necessidades úteis a pressão interior do subconsciente” (p. 338-339). Depois disso, alguém ainda se arriscaria a menosprezar o valor da arte, duvidando da sua relevância para a vivência humana?

Nós, como professores de língua e literatura, defendemos a leitura do texto literário como um aliado do leitor na construção de si, na medida em que, durante a atividade de leitura, o leitor dialoga com o texto, interage com ele, compartilha sentidos e emoções, refazendo-se a cada experiência, numa constante configuração. Entretanto, é importante deixar claro que não pretendemos reduzir em momento algum o valor estético do texto literário a uma mera utilidade pedagógica e terapêutica. O que queremos é significar/ressignificar a nossa vivência docente, por acreditarmos que exercemos um papel importante no que diz respeito à formação de nossos leitores-alunos.

A nossa ideia pode ser confirmada pelas palavras de Olmi:

[...] tanto o crítico como o professor de literatura podem ajudar os leitores a compreender o que eles estão acrescentando a uma determinada obra, no ato da leitura; a maneira pela qual os leitores respondem a certas leituras e como cada leitor modela e transforma os mundos ficcionais para adaptá-los a seus modelos característicos de fantasia e de defesa. Em suma, o leitor passa a descobrir que tipo de pessoa ele próprio é, e passa a conhecer-se melhor e a descobrir como ele percebe o mundo ficcional e o mundo real (OLMI, p. 34. In: OLMI, Alba; PERKOSKI, Norberto (Org.), 2005, p. 23-50).

Desse modo, o professor pode ajudar muito seu aluno a entender a complexidade existente entre leitor e texto, para que a atividade de leitura seja realizada de forma consciente. Porém, é importante ressaltar que o grande responsável pelo processo formador de subjetividade é o próprio leitor; o professor é apenas um mediador.

Em contextos de crise, “crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma” (PETIT, 2009, p. 22). Mas será que isso é possível face à diminuição da prática da leitura em tempos de desenvolvimento acelerado da tecnologia, tão sedutora a crianças, jovens, e adultos? E a questão do acesso à leitura para as camadas sociais menos privilegiadas?

Para Michèle Petit (2009), apesar das adversidades geográficas, sociais, econômicas e culturais que se apresentam para o interlocutor que não tem um acesso facilitado aos meios de leitura, esse contato é possível com o auxílio de um mediador. Com base em pesquisas realizadas em contextos de crise, a autora ressalta que os leitores realizavam “apropriações singulares, às vezes até mesmo desviando-se dos textos lidos. [...] cada um ‘farejava’ o que estava secretamente vinculado com as suas próprias questões, o que lhe permitia escrever sua própria história nas entrelinhas” (p. 23). Para esses leitores, “o essencial da leitura era, ao que

parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas” (p. 24).

Ao colocar a leitura como uma atividade importante para a vida, consideramos que a experiência com a literatura não é necessariamente afetada pela condição social e/ou geração a que pertencem os indivíduos, mas pelos obstáculos que se interpõe entre ela e o receptor. Nesses casos, as pesquisas realizadas pela antropóloga demonstram a excelente contribuição dos mediadores de leitura.

No que se refere à relação entre a arte e a pedagogia, muitos estudiosos ignoram a ideia de que “toda vivência poética parece acumular energia para futuras ações, dá a essas ações um novo sentido e leva a ver o mundo com novos olhos” (VIGOTSKI, 2004, p. 343). Alguns negam completamente a educação estética; para outros, a arte é apenas um passatempo prazeroso na vida de estudantes; e ainda há aqueles que exageram quando veem na arte um recurso pedagógico, que deve servir para educar para o conhecimento, o sentimento e a moral, esta última considerada alheia à natureza estética.

Hoje, falamos muito em despertar nas crianças e nos jovens em idade escolar o gosto pela leitura. Mas é preciso ficar claro que não existe receita para isso. O importante é que o sujeito crie “com os livros uma relação afetiva, emotiva e sensorial, e não simplesmente cognitiva” (Petit, 2009, p. 58).

Sabemos que o gosto pela leitura é em grande parte socialmente construído. Assim, se a criança tem exemplos de bons leitores na família e na escola, provavelmente, também o será. Pais e professores motivados pela leitura, geralmente, estimulam as crianças a ler. Por isso, mais do que falar sobre a importância de ler, o exemplo constitui-se num fator relevante para tal desenvolvimento.

Sobre a leitura, existem as “solitárias”, em que o leitor é livre para escolher a obra, e também a leitura de textos que acontece na sala de aula, em que o professor apresenta o texto ao aluno, convidando-o a desvendá-lo. Nesta última, temos uma leitura pública, uma experiência de leitura em comum, que implica em ensinar e aprender envolvendo a relação de cada um consigo e com os outros. Esse “ato de dividir é inerente à leitura como a todas as atividades de sublimação” (PETIT, 2009, p. 139).

No que se refere à educação estética que parte da escola, é necessário que nós, educadores, tenhamos interesse e conhecimento pelos pressupostos teóricos e práticos que envolvem o ensino da literatura para que possamos de fato contribuir para a formação integral de nossos alunos. Para tanto, é importante relacionarmos o ensinar e o aprender com a experiência da liberdade, com algo que nos põe em movimento.

Para que o texto se constitua num espaço relevante de reflexão da realidade, ao selecioná-lo, elegê-lo, precisamos levar em consideração sua plurissignificação, ou seja, o texto deve possibilitar a criação de novas relações de sentido, uma vez que “todo texto leva consigo possibilidades de significação que escapam sempre de qualquer controle” (LARROSA, 2006, p. 117). Nesse sentido, é impossível a transmissão de um significado único.

Esse pressuposto, no entanto, muitas vezes, é ignorado e, nas salas de aula, é comum o emprego do texto literário simplesmente para a transmissão de conhecimentos e de valores oriundos da classe dominante. O professor, aquele que deveria ser o estimulador do exercício da liberdade, na maioria das vezes, é quem tenta aprisionar os múltiplos sentidos permitidos pelo texto literário, considerando apenas uma interpretação, um ponto de vista, uma resposta certa para suas indagações a respeito do texto, numa atitude que torna limitada e empobrecedora a atividade do leitor.

Devemos considerar que há o dito do texto, que apresenta o significado literal, mais ou menos igual para todos, e o não-dito, com sentidos múltiplos, que é o que mobiliza o leitor para a reinvenção de si mesmo. Durante os comentários dos textos, precisamos estar abertos para multiplicar, ampliar as possibilidades de sentidos do texto, e, assim, realizar uma prática compromissada com a formação integral do indivíduo e, portanto, com a democracia.

Assim, não podemos esperar que o texto nos traga respostas prontas, verdades absolutas. Pelo contrário, temos é que manter uma atitude ativa diante dele para que nos possa configurar/reconfigurar enquanto sujeitos. Larrosa (2006) afirma que, ao ler, não buscamos respostas; buscamos é a pergunta à qual o texto responde. Nesse sentido, “a leitura não resolve a questão, mas a reabre, a re-põe e a re-ativa, na medida em que nos pede correspondência” (p. 142). Desse modo, a importância da leitura não se resume ao texto, aquilo que nós sabemos sobre ele, mas aquilo que com o texto, a partir dele, nós sejamos capazes de pensar. As ações de rememorar, pensar, refletir são o mais importante na leitura do texto, pois, a partir dela, o leitor coloca-se em movimento.

Apesar disso, uma das perguntas mais comuns que ocorre na sala de aula, após o término de uma leitura, é “o que o autor quer dizer com o texto?”. A crítica literária desconfia de textos literários que “queiram dizer” alguma coisa, ainda mais se a sua intenção for um ensinamento explícito. O texto pode conter um ensinamento, mas esse caráter não deve partir da obra, mas da maneira como se lê, sendo, portanto, um efeito da leitura. O que não pode acontecer é a leitura estar previamente programada para direcionar o sentido do texto, como se o leitor não fosse capaz de pensar, fazer relações, ir além do próprio texto.

Neste trabalho, optamos por realizar a pesquisa durante a aula de Língua Portuguesa, por acreditarmos que essa prática pode ser constante e estar inserida nas próprias aulas e não apenas como uma atividade eventual. Adolescentes, com idades entre 14 e 17 anos, são o público alvo da nossa pesquisa. Sobre eles, Kaplan (2001) apresenta uma contribuição importante.

Todo mundo pode sentir a necessidade de se afastar do real; mas talvez os adolescentes o sintam mais do que todo mundo. Os adolescentes não se colocam questões específicas, eles fazem, como todo mundo, perguntas sobre eles mesmos e os outros, o mundo, a identidade e a identidade sexual, o desejo e a falta de desejo: o tédio, a raiva e o que fazer com eles, e os limites, o crime; contudo, o que é sem dúvida específico é a urgência e a impaciência diante dessas questões [...] Daí o papel fundamental da ficção para os adolescentes, ela que permite estabelecer uma distância para com o mundo (KAPLAN, 2001apud PETIT, 2009, p. 76).

Sabemos que a adolescência é um período de transição, na qual a busca de identidade e a instabilidade emocional são frequentes. Em consonância com a autora mencionada anteriormente, acreditamos que o diálogo que os adolescentes estabelecem com o livro ajuda-os a rememorar a sua vida, a organizar seus pensamentos e a refletir sobre questões para as quais procuram um esclarecimento. O texto literário, quando a sua leitura não se caracteriza como uma atividade imposta, pode tocar o leitor e passar a fazer parte dele, permitindo que se torne uma pessoa atuante na sociedade em que vive.

O desejo de ler surge a partir de “intersubjetividades gratificantes” (PETIT, 2009, p. 139), que ocorrem com a entrega mútua entre texto e leitor, condição para a transformação. Consciente da relevância da literatura, o sujeito torna-se mais comprometido com a atividade de leitura, atitude que pode ser muito benéfica para a sociedade como um todo.

Não queremos mais que a leitura de textos literários promovida pela escola seja vista como uma obrigação, um dever, algo sacrificante. Queremos é que ela receba o valor que merece na perspectiva de atividade importante na constituição do ser humano e, dessa forma, que todos possam ter acesso à boa literatura.

Nesta pesquisa, enfocamos algumas questões relativas à importância e ao papel da arte, mais especificamente da literatura, na constituição da subjetividade do leitor, para que possamos entender essa manifestação. Buscando explicitar os processos de construção de sentido que envolvem a crônica literária e seu significado para a formação do leitor, na sociedade contemporânea, no próximo capítulo, procuramos elucidar os elementos empregados na crônica literária que desencadeiam reações estéticas no leitor, promovendo a sua configuração/reconfiguração.

3 DESVENDANDO A CRÔNICA

Tornar o transitório definitivo é a essência da crônica literária.

Flora Bender

É comum encontrarmos leitores que têm a crônica como gênero textual favorito. Os motivos para tal predileção podem estar relacionados às características dessa produção, como texto curto, com temáticas cotidianas, linguagem simples, presença de humor, ironia e também pelo fácil acesso, no que se refere aos espaços/suportes em que é veiculada. Ao mesmo tempo em que entretém, diverte o leitor, esse gênero possibilita uma reflexão crítica acerca da vida e dos comportamentos humanos, tornando-se um espaço de leitura da sociedade.

Essa ideia está em consonância com o que diz Sandra Ferreira (1998), ao tratar da riqueza e das múltiplas possibilidades que a crônica pode apresentar. Para ela, esse gênero textual

[...] permite alcançar o território do prazer sem eliminar a consciência da realidade; pode deleitar com a recriação artística de um momento belo de nossa vulgaridade cotidiana; pode explorar o humor das situações que melhor ilustrem a face tragicômica da condição humana; pode recriar a notícia captando seu até então insuspeito encantamento; pode valer-se da situação particular do cronista enquanto metáfora de situações universais. Tudo pode a crônica [...]. Chamando o leitor a ler além do factual, a crônica ostenta olhos agudos, atentíssimos ao efêmero dos fatos do dia-a-dia (FERREIRA, 1998, p. 05).

Devido à importância da crônica para os dias de hoje, em que cada vez mais é necessário estarmos conscientes da realidade na qual estamos inseridos, resolvemos pesquisar esse gênero textual, procurando elucidar os elementos de construção de sentido empregados na crônica literária que possibilitam a configuração da subjetividade do sujeito leitor.

3.1 Evolução do termo

Iniciamos nossa tarefa de elucidar os elementos de construção de sentido empregados na crônica literária com a origem do termo crônica. Em Massaud Moisés (1978), encontramos a seguinte explicação:

Do grego Cronikós, relativo a tempo (chrónos) pelo latim chronica, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica (MOISÉS, 1978, p. 245).

O fragmento acima possibilita-nos entender que a palavra crônica possui estreita relação com a noção de tempo, de um tempo cronologicamente determinado. Apesar de sua evolução semântica, essa origem mantém-se preservada, como podemos observar no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda (1986), no qual encontramos para o vocábulo crônica dois significados pertinentes ao nosso estudo:

1. Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica. [...]
4. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas, fatos ou ideias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana (HOLANDA, 1986, p. 503).

Temos então uma acepção tradicional (antiga) para o termo em questão, como registro cronológico de fatos do passado, e um sentido atual, que se impôs a partir do século XIX, com o advento da literatura jornalística, que considera a crônica como um enfoque dos fatos cotidianos.

Num primeiro momento, a crônica transita entre os anais e a História, limitando-se ao simples relato de eventos, “sem nenhuma autonomia para provocar reflexões sobre o curso de determinados acontecimentos” (PEREIRA, 2004, p. 16). A princípio, a crônica caracteriza-se como uma narrativa na qual é possível vários discursos se manifestarem. Desse modo, todo relato de eventos sociais, desde que seguindo uma ordem cronológica, é considerado crônica.

A partir do século XII, o conceito de crônica amplia-se. Os relatos históricos passam a apresentar traços da ficção literária, sendo importante para caracterizar a crônica não apenas a ordem cronológica dos fatos, mas também a maneira de relatá-los. Assim, através da crônica, é possível ao sujeito “traçar um perfil de seu meio, embora, para isso, muitas vezes tenha que sair do seu plano exclusivamente denotativo, emprestando uma carga maior de conotação aos seus relatos” (PEREIRA, 2004, p. 18). Então, nesse período, podemos definir a crônica como forma narrativa, com sentido denotativo e conotativo, que transita entre o relato histórico e a ficção literária.

No Brasil, o primeiro registro de que temos notícias pode ser considerado uma crônica. Trata-se da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, escrita em 1500. Através dela, o autor informa o “descobrimento da nova terra” ao rei de Portugal, revelando suas impressões sobre aquilo que vê, com riqueza de detalhes, linguagem clara e bem-humorada.

No século XVI, a crônica continua sendo relacionada ao registro de acontecimentos históricos, mesmo evoluindo para outros sentidos. Ela passa a identificar-se com ensaio, tipo de texto criado pelo francês Michel de Montaigne, caracterizando-se como a interpretação de eventos e suas funções sociais, através da informalidade do discurso e da valorização da linguagem coloquial (PEREIRA, 2004). No entanto, essa identificação não é satisfatória, uma vez que a crônica não se limita a uma explicação da realidade a partir de uma visão histórico-temporal.

A forma de expressão dos cronistas busca um enriquecimento estético ao tentar agrupar os elementos estruturais que habitam no seu interior. Outra diferenciação que pode ser feita entre ensaio e crônica diz respeito à liberdade que o cronista tem de percorrer tanto os caminhos da história quanto os da ficção, criando e recriando a linguagem e os fatos sociais; ao contrário do ensaísta que, a partir de Montaigne, procura legitimar seus escritos, através da definição de um evento ou expressão pessoal.

A partir do século XIX, a crônica, ao se afastar da conotação historicista, distancia-se da identificação com o ensaio. Assim,

O cronista do século XIX começa a reestruturar seus escritos, fazendo com que o texto não traga apenas as marcas do literário como sinônimo de evolução da crônica, mas busca novas formas de expressão para obter unidade estética no exercício da crônica, avançando diante da concepção historicista e da necessidade de revelar fatos (PEREIRA, 2004, p. 23).

Desse modo, a crônica passa a buscar uma melhor compreensão da forma de organização social imposta por uma sociedade industrializada, a enfocar as relações fragmentadas do mundo moderno, como podemos observar em:

[...] a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e seus espaços periféricos [...] (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 53).

Na construção do texto, o cronista ganha uma maior liberdade estética, passando a privilegiar a enunciação dos fatos, sem a preocupação em apresentá-los em ordem cronológica. Em seus textos, amplia-se o espaço para a imaginação, em detrimento da razão, o que aproxima ainda mais a crônica da ficção literária. Apesar do entendimento desse percurso pelo qual passa a crônica, ainda é difícil definirmos essa atividade.

Com o advento do Romantismo, em 1836, surge uma nova sociedade, instaurando-se a divisão social do trabalho e sua conseqüente fragmentação das relações sociais. A partir daí, ao assumir caráter literário, a crônica passa a ser considerada um gênero literário; porém, ela acaba aparecendo como gênero “menor” quando confrontada com outras formas de discurso. Pereira (2004) observa algumas características que, a partir de então, passam a permear o discurso do cronista:

Ao ser classificada como gênero literário, a crônica extrapola ainda mais as fronteiras de seu exercício. Do ponto de vista da construção verbal, a crônica sofre alterações: passa a ter sua ênfase centrada na linguagem literária, sem pretender organizar os fatos de forma cronológica. Na “ótica” literária, a crônica consegue conjugar várias formas de expressão no mesmo espaço textual (PEREIRA, 2004, p. 25).

Dessa forma, a conotação presente na construção do texto, empregada para recriar os fatos do cotidiano, vai garantir uma maior unidade estética. Além disso, a crônica desconhece a formalidade dos gêneros, adquirindo a liberdade de transitar livremente entre a prosa e a poesia.

Nesse período, a crônica passa a ser publicada periodicamente nos jornais em um espaço determinado: no rodapé. Nesse espaço livre, são publicados textos literários ou não, com o objetivo de entreter o leitor. Por esse motivo, alguns autores confundem-na com o folhetim, por serem ambos publicados no rodapé.

O folhetim aparece na forma de folhetim-romance e de folhetim-variedades. O primeiro trata da publicação de capítulos de romances, posteriormente reunidos em livros, como *O guarani* (1857), de José de Alencar, *Memórias de um sargento de milícias* (1854), de Manuel Antônio de Almeida, *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia e *O triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Lima Barreto. Já o folhetim-variedades constitui-se do registro e comentário dos fatos da vida cotidiana do povo com “um primeiro esboço de reflexão crítica” (LAURITO, 1993, p. 21), características que o aproxima da concepção de crônica que temos hoje.

No Romantismo, o folhetim passa a servir para a burguesia como instrumento de disseminação (comercialização) de seus bens culturais, morais e espirituais, e de crítica à cultura aristocrática; já a crônica, aos poucos, começa a ser reconhecida como um gênero à parte. Ela tenta distanciar-se do caráter doutrinário do jornalismo da época, não mais se restringindo a uma tradição da narrativa, nem aos limites impostos pela denotação (exigências referenciais do texto jornalístico) e pela conotação (grau de literariedade de algumas formas narrativas).

Com isso, novos processos de enunciação são estabelecidos pelo cronista. A crônica passa a ser considerada como um espaço para a criação de novos significados através do exercício de várias linguagens, o que acaba provocando rupturas com a linguagem jornalística, tanto do ponto de vista temático quanto linguístico. Assim, as relações entre texto e leitor são ampliadas.

Já reconhecidos como “literatos”, os cronistas ganham importância para o jornalismo da época, a partir da necessidade de “os jornais aliarem-se ao processo de informação, ao exercício da opinião, funcionando mais ou menos como o aval para as notícias veiculadas” (Pereira, 2004, p. 44).

A partir do século XX, o jornalismo moderno procura uma maior objetividade no trato das informações. Desse modo, a linguagem até então empregada nos jornais passa por transformações. No Brasil, o cronista busca uma autonomia estética da linguagem jornalística em relação à referencialidade dos textos informativos, ampliando esteticamente os significados da informação e permitindo ao leitor um melhor entendimento do espaço social que o cerca.

Conforme Pereira (2004), a crônica geralmente aparece associada à produção de opinião e, por isso, é inserida na categoria de Jornalismo Opinativo. No entanto, o autor chama atenção para o fato de que esse gênero mantém uma independência em relação às regras dos gêneros opinativos. Ele afirma ainda que na crônica habitam diversas linguagens, que possibilitam múltiplos significados. Para ele, “O importante é saber situar a crônica no espaço jornalístico” (p. 141), pois “classificar a crônica como gênero jornalístico ou literário é negar a independência estética da crônica em relação às unidades narrativas do texto jornalístico” (p. 141).

3.2 Características do gênero

Como vimos, a crônica não se enquadra na divisão clássica dos gêneros – épico, dramático e lírico. Ela adquire o estatuto de gênero tipicamente brasileiro a partir dos anos 1950 e 1960, com cronistas como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues e Fernando Sabino, através de “uma forma brasileira de sentir e se situar no mundo” (PINTO, 2005, p. 11).

Muitos autores acreditam que esse gênero não se limita especificamente nem ao jornalismo nem à literatura, mas está inserido em ambos. Atualmente, a crônica ocupa um

espaço próprio dentro do jornal, trazendo assuntos variados que contemplam os diversos interesses dos leitores, sem perder o seu caráter crítico e reflexivo.

Mesmo sendo difícil categorizar o gênero crônica, Afrânio Coutinho (1967) propõe uma classificação para a crônica literária, nosso interesse nesta pesquisa. Conforme o autor, segundo a natureza do assunto ou o movimento interno, esse tipo de crônica pode ser de vários tipos:

a) **a crônica narrativa**, cujo eixo é uma história, o que a aproxima do conto, como no exemplo de Fernando Sabino; b) **a crônica metafísica**, constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens, como é o caso de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou disreter filosoficamente; c) **a crônica-poema em prosa**, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos, como é o caso de Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo; d) **a crônica-comentário** dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, “o aspecto de um bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou díspar, como são muitas de Alencar, Machado e outros (COUTINHO, 1967, p. 97-8).

Chamamos atenção para o fato de que essa classificação não prevê uma separação radical entre os tipos propostos por Afrânio Coutinho, uma vez que características de um e de outro, por vezes, podem ser encontradas em um mesmo texto. Por esse motivo, Bender (1993) considera “difícil e arriscado fazer a tipologia da crônica” (p. 45).

Nesta dissertação, procuramos traçar um “perfil” do gênero crônica, para que possamos pensar nos elementos empregados na sua construção que possibilitam a configuração/reconfiguração da subjetividade do sujeito leitor. Para tanto, consideramos importante inicialmente destacar seus elementos estruturais: enredo/assunto, narrador ou ponto de vista, personagem, espaço e tempo.

Conforme Bruner (1997), personagem, ambiente e ação são elementos inseparáveis. Sobre a interpretação do personagem, o autor acredita que este é o “primeiro e talvez mais importante passo no relacionamento com o outro. É isto que torna o próprio ato de interpretar uma pessoa – seja na ficção ou na vida – inerentemente dramático” (p. 41-42). O psicólogo afirma ainda que é a “inquietação inerente para se decidir a descrição correta da personalidade – que dá ao romance de caráter, ao romance psicológico, sua força, sua subjuntividade e seu poder de perturbar.” (p. 44). A partir desse passo, então, a narrativa passa a representar um paradigma para o leitor.

Qualquer assunto pode servir de inspiração para a crônica. A matéria-prima do cronista são fatos cotidianos, experiências do homem comum mostradas por outros ângulos,

flagrantes, notícias curiosas, situações surpreendentes, depoimentos e impressões dos mais variados aspectos da vida urbana, situações que muitas vezes deixamos escapar de nossa observação. Nesse gênero textual, o pequeno torna-se grande; o banal, importante. Esses “acontecimentos que propiciam momentos de nostalgia, enternecimento ou indignação compartilhados pelo cronista e os leitores” (Pinto, 2005, p. 08) e a possibilidade de os fatos narrados na crônica poderem ocorrer com qualquer pessoa, entre outros aspectos, podem explicar a atração do leitor por esse gênero textual.

Sobre o cotidiano, assunto da crônica, Schneider explica a origem latina do termo:

Portanto, o cotidiano – que na origem latina, *quot dies* é, um dia e todos os dias – engloba o instantâneo e o duradouro. Pequenas ações e grandes ações, a repetição e a singularidade, o rotineiro e o excepcional, a inércia e a transformação, a consciência crítica e a alienação etc., ou seja, no cotidiano convivem e concretizam-se diferentes aspectos da realidade que se pode perpetuar ou transformar (SCHNEIDER, s.d., p. 06).

Desse modo, podemos considerar o cronista como um intérprete de um determinado momento histórico, “no qual o cotidiano não apenas é indicador do tempo vivido, mas e principalmente, é fonte de produção de saber, posto que possa ser pensado como espaço concreto de realização da história em todas as suas dimensões” (SCHNEIDER, s.d., p.06).

Nesse sentido, os fatos, aparentemente banais, observados no cotidiano e recriados pelo cronista, de forma pessoal e subjetiva, podem servir para desencadear uma análise mais profunda da realidade que nos cerca, ampliando o sentido do texto. Sobre isso, Bender (1993) fala que:

Comumente, o fato jornalístico que detona o texto é mero pretexto, pois não é daquela determinada guerra que o cronista quer falar, mas da guerra enquanto não-paz. E nem da princesa da Inglaterra, e sim de como todos gostam de reis e rainhas. E menos ainda do carnaval que vimos ontem pela tevê, de madrugada, mas sim de como os antigos carnavais eram mais verdadeiros, mais puros, mais alegres do que os de hoje (BENDER, p. 44. In: BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Editora Scipione, 1993, p. 41-77).

Mesmo que o fato narrado na crônica seja sério, seu autor deve “fingir superficialidade ao tratá-lo, encenando um jogo capaz de atrair o leitor e de informá-lo sem o cansar” (Laurito, 1993, p. 29). Esse aparente descompromisso no tratamento do assunto da crônica não significa uma mediocrização do texto, pois “é o talento do autor que vai dar estatura maior a um gênero comumente considerado um modo menor de ficção” (p. 27-28).

Assim, na crônica, assuntos sérios são abordados com graça, de maneira breve, aparentemente leve e atraente. Esse modo de narrar, no entanto, não diminui em nada a crítica

e a reflexão compartilhadas por autor e leitores desse gênero textual, pelo contrário, proporciona ao leitor uma visão mais abrangente, que vai além do fato, podendo inclusive desencadear uma análise profunda.

Todo enunciado, falado ou escrito, pressupõe que alguém o tenha produzido. O responsável pela organização do texto narrativo é o narrador, aquele que relata os fatos a partir de seu ponto de vista. Esse relato pode ser feito em primeira ou em terceira pessoa.

No primeiro caso, em primeira pessoa, há um narrador empenhado, que aparece nos próprios enunciados como personagem principal - “não tem ele acesso aos sentimentos, pensamentos e intenções dos outros personagens, mas pode, como ninguém, relatar suas percepções, seus sentimentos e pensamentos” (FIORIN e SAVIOLI, 1997, p.139), pois não está envolvido com os acontecimentos, ou como personagem secundária – aquele que observa os acontecimentos, contando e, às vezes, comentando, o que vê e ouve. Como ele não penetra na mente dos outros personagens, pode apenas inferir ou lançar hipóteses.

Já em terceira pessoa, podemos encontrar um narrador onisciente, que é aquele que conta a história como observador que tudo sabe, “até os pensamentos e sentimentos das personagens. Comenta, analisa e critica tudo” (FIORIN e SAVIOLI, 1997, p. 138), ou um narrador observador, que “também conhece os fatos, mas não invade o interior dos personagens para comentar seu comportamento, intenções e sentimentos” (FIORIN e SAVIOLI, 1997, p. 138). O emprego da terceira pessoa cria um efeito de sentido de objetividade ou de neutralidade, pois o narrador não está envolvido com os acontecimentos, ao contrário do uso da primeira pessoa, que cria um efeito de subjetividade.

Após o autor do texto ter definido o modo de narrar, cabe-lhe ainda escolher como vai reproduzir as falas ou o pensamento das personagens, que pode ser através do discurso direto (o narrador, após introduzir as personagens, faz com que elas reproduzam a fala e o pensamento por si mesmas, de modo direto, utilizando o diálogo), indireto (o narrador não põe as personagens a falar e a pensar diretamente, mas ele se faz o intérprete delas, transmitindo o que disseram ou pensaram, sem produzir o discurso que elas teriam empregado) e indireto livre (fusão entre narrador e personagem, ou seja, a fala da personagem insere-se no discurso do narrador sem o emprego dos verbos de elocução, como dizer, falar, responder, indagar...).

As personagens que aparecem na crônica literária retratam experiências do homem comum. Elas “são definidas, apenas quanto ao momento da ação, pouco ou nada sendo dito sobre elas além do que possa interessar ao flagrante” (CADORE, 1996, p. 51).

Em relação às categorias do espaço e do tempo, D'Onófrío (1995) considera-as elementos de enfoque particular dentro de uma narrativa. Segundo o autor, essas categorias são componentes sintático-semânticos presentes no texto, podendo ser definidas conforme o ator a que aparecem ligadas (narrador, protagonista, antagonista...). Ele explica que a espacialidade e a temporalidade têm função dúplice e antitética, uma vez que, de um lado, dão a impressão de naturalidade, pois as informações que apresentam “têm o papel de enraizar a ficção na realidade, tornando-a inteligível” (p. 96); de outro, instauram o mundo do imaginário, suspendendo as leis do real” (D'ONÓFRIO, 1995, p. 97).

Nessa perspectiva, realidade e fantasia caminham lado a lado. No entanto, uma vez que literatura é ficção, a crônica literária não se limita ao mundo real em que vivemos, pois “Mesmo quando há verdade inquestionável no que diz, as entrelinhas e as analogias é que interessam. A crônica é um gênero do disfarce e ajuda a agüentar com certa fantasia a vida e a realidade” (BENDER, 1993, p. 44). Daí, a importância que tem o leitor da crônica, no sentido de que cabe a ele ampliar as ideias do texto, através de identificações, analogias, ligadas a sua experiência e conhecimento de mundo.

Como a crônica narra experiências vividas pelo homem comum, é possível dizer que o espaço em que as histórias são narradas, onde os personagens vivem e sentem, são aqueles frequentados por homens comuns, como sua própria casa, local de trabalho ou estudo, na rua, em supermercados, lojas, cinemas...

O tempo é um dos elementos estruturais da crônica. Ele que justamente deu origem ao termo e que, embora tenha havido uma evolução semântica desse gênero textual, ainda mantém estreita relação com a noção de tempo. Para Bender (1993, p. 73), “desde o tempo que passa depressa, ao que não passa nunca, do tempo interior, psicológico, ao cronológico, verificável pelos relógios, o tempo, às vezes, mágico, às vezes espelho cruel, é matéria de crônica”. Cabe ressaltar que o tempo que aparece na crônica está estreitamente relacionado às intenções do autor.

Nessa categoria, salientam-se o tempo do discurso ou da enunciação e o tempo da diegese ou do enunciado. O primeiro “implica a existência de dois momentos temporais, relativos e complementares: o tempo do eu que fala e o tempo do tu que ouve” (D'ONÓFRIO, 1995, p. 99); o segundo “é o tempo dos acontecimentos, da história narrada, que pode ser cronológico ou psicológico” (p. 100).

O tempo cronológico é o tempo mensurável, medido pelo relógio e pela natureza, a sucessão das horas, dias, meses, anos... Já o tempo psicológico é o tempo interior à personagem, “é o tempo da percepção da realidade, da duração de um dado acontecimento no

espírito da personagem” (D’ONÓFRIO, 1995, p. 101), em que não existem as fronteiras entre presente, passado e futuro.

Conforme D’Onófrio (1995), as teorias psicanalíticas, que procuram tratar as neuroses derivadas de complexos causados por algum acontecimento que se fixou no subconsciente através do retrocesso ao tempo de origem, ou seja, através da lembrança, influenciaram os romancistas que mais focalizaram o tempo psicológico.

Além desses elementos estruturais intrínsecos ao texto narrativo, a crônica encerra vários recursos estéticos, que podem aparecer em qualquer gênero literário. A linguagem empregada na crônica está ligada à vida cotidiana, por isso aproxima-se da fala coloquial empregada pelo homem comum. Através dela, o autor “procura captar o lirismo contido na simplicidade, a poesia embutida no diálogo das ruas, o encanto das gírias e dos palavrões, o sabor dos clichês lingüísticos em que o senso comum se perpetua” (PINTO, 2005, p. 08). Apesar dessa aparente simplicidade, a crônica possui uma riqueza linguística que permite acrescentar ao texto uma pluralidade de sentidos, justificada pela sutileza e bom humor que o cronista tem de lidar com temas sérios de maneira poética, expressiva, metafórica.

No gênero crônica, ironia e humor são fundamentais. Essas estratégias de discurso são muito empregadas em textos literários, possibilitando, além do prazer da leitura, a conscientização do sujeito leitor a respeito das diferentes situações presentes na realidade em que vive.

Muecke (1995), em *Ironia e Irônico*, percorre o significado do termo ironia, desde Platão, na Grécia, até os dias atuais. Após retomar vários estudos que tratam do assunto, o autor afirma que a antiga ideia que se tinha acerca da ironia - dizer uma coisa e dar a entender o contrário - é substituída por “a ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma, mas uma série infundável de interpretações subversivas” (p. 48). Assim, deixa-se aberta a questão do que pode significar um texto.

Desse modo, compreender um texto repleto de ironias não é tarefa fácil. Conforme Eco (2003, p. 205), “o texto pode ser lido de modo ingênuo, sem colher as remissões intertextuais, ou pode ser lido com plena consciência destas remissões ou pelo menos com a persuasão de que é preciso procurá-las”. Portanto, as pistas fornecidas pelo autor (contradições e exageros) podem ser entendidas pelo leitor ou, pelo contrário, podem passar despercebidas. A ironia presente na literatura pressupõe um leitor ativo, perspicaz, que entenda a subjetividade e a ambiguidade subjacentes a esse tipo de estratégia textual.

Acreditamos que a ironia, em consonância com Kierkegaard (1991), é a própria condição humana em sua transcendência; sua tarefa não é encontrar respostas, mas examinar

os possíveis caminhos vividos pelo homem em seus pressupostos de sustentação. O emprego dessa estratégia pode significar liberdade, causa empreendida pelos cronistas.

A ironia na literatura pode servir como um alerta. Através da obra irônica, podemos talvez rir de nossos próprios infortúnios. É nesse sentido que, para Muecke (1995), a ironia tem uma função corretiva. Ela restaura o equilíbrio quando a vida está sendo levada muito a sério ou, como mostram algumas tragédias, não está sendo levada a sério o bastante.

Sobre isso, Gai acrescenta que

A ironia é uma forma de olhar o mundo. É uma perspectiva que contempla, sobretudo a negatividade de todos os aspectos da vida humana. O ironista elege o foco em que quer projetar a luz e ele surge enfim com uma nitidez espantosa, apesar das sinuosidades do discurso. É interessante notar também que a negatividade não surge através das lágrimas e sim do riso, uma vez que o humor é a principal arma do ironista (GAI, s.d, p. 05).

O humor, elemento provocador do riso, é um recurso de linguagem aparentemente leve e alegre. É justamente no humor, no sarcasmo e na banalidade, segundo Pinto (2005), que o gênero crônica encontra uma expressão saudável da informalidade social. Ele pode ser uma forma de ironia, mas ambos não estão limitados a existirem juntos. Esses recursos subjetivos se encontram no momento em que o humor se apresenta como uma possibilidade de despertar um posicionamento social diferenciado, provocando a reflexão crítica no leitor/receptor do texto.

Os cronistas, pelo viés irônico e humorístico, conseguem falar de assuntos sérios, com uma leveza impressionante. Para que o leitor possa se configurar/reconfigurar como sujeito, cabe a ele entender a intenção que se apresenta por trás da ambiguidade do discurso, da subjetividade, do não-dito, do implícito que pode ser “captado” através de uma atitude ativa diante do texto, de seus conhecimentos linguísticos, contextuais, compartilhados com o autor da obra.

Chegamos a um elemento importante da crônica, ou seja, para quem ela se destina: o leitor. Através de um tom intimista, muitas vezes, o narrador se coloca como amigo do leitor, dialogando com ele, fazendo-lhe confidências inclusive. Desse modo, o leitor sente-se prestigiado, por perceber a importância que adquire dentro do texto. No entanto, Fiorin e Savioli (1997) destacam que “esse leitor instalado no texto não se confunde com o leitor real” (p. 139), pois ele é apenas uma imagem do leitor projetada pelo narrador do texto.

Conforme já foi visto, o gênero crônica, no decorrer dos tempos, adquire autonomia estética e amplitude semântica, apresentando-se como um texto capaz de mexer com o leitor,

pois não se limita a informar, nem a divertir. Vai muito além disso. Convoca o leitor, mesmo que de forma indireta, a interagir criticamente com o texto acerca de sua temática sobre fatos que dizem respeito ao homem inserido numa sociedade fragmentada, levando-o a refletir sobre a vida e os comportamentos humanos.

Acreditamos que as características estruturais e metodológicas presentes na crônica literária contribuem para provocar a configuração/reconfiguração do sujeito. A empatia do leitor pela crônica pode ser motivada por diversos fatores, entre eles: por ser um texto curto, que recria o cotidiano de forma artística. Ainda, nesse gênero textual, através da valorização de um discurso informal, podemos encontrar a presença de humor e ironia na narração dos fatos que exploram a condição humana. Essa leveza do discurso para tratar de assuntos sérios, geralmente, agrada a leitores ao mesmo tempo que os torna conscientes de seu mundo. É com base nesse estudo que pretendemos interpretar e discutir a crônica selecionada para desenvolver esta pesquisa.

Após fazermos esse breve histórico da crônica e explicitarmos características que podem ser encontradas nesse gênero textual, gostaríamos de destacar a contribuição no exercício do cronista que Machado de Assis deixou como legado para a literatura brasileira, ao estabelecer uma nova ordem de leitura do espaço jornalístico de sua época, e também de ressaltar a importância de Luis Fernando Verissimo, um dos mais renomados cronistas da atualidade.

3.3 Eis que surge Machado de Assis

Machado de Assis é o cronista que confere à crônica autonomia estética e amplitude semântica, ao promover “uma independência lingüística ante o folhetim e o discurso jornalístico de sua época” (PEREIRA, 2004, p. 113). As crônicas publicadas diariamente na *Gazeta de Notícias*, na Seção *A Semana*, constituem-se em um espaço crítico, de reflexão social. Através delas, o autor “procura demonstrar aos leitores a função do cronista: ampliar a capacidade de percepção dos acontecimentos sociais de forma crítica e estabelecer uma análise dos fatos anunciados que distorcem a realidade” (PEREIRA, 2004, p. 75). Assim, a crônica passa a estabelecer novos sentidos para estruturar a informação, possibilitando ao leitor interpretá-los. Desse modo, proporciona uma maior aproximação entre texto e leitor.

Quanto à temática, Machado faz da informação diária sua matéria-prima. Ele enxerga e confere espaço para os até então esquecidos socialmente, na medida em que “dá importância

às coisas miúdas do cotidiano, ao falatório nas ruas, às idéias de libertos e escravos, senhoras e crianças” (PEREIRA, 2004, p. 70).

Suas crônicas vão tratar a informação acerca da realidade da época de maneira transparente, a partir de um ponto de vista crítico, distanciando-se das regras para doutrinar os leitores, até então largamente praticadas pelo jornalismo do século XIX. Nesse sentido, são veiculados temas ou ideias que se relacionam com fatos histórico-sociais e apresentam-se como uma crítica à ideologia da classe dominante, invertendo com isso o lugar de quem fala socialmente. Assim, “o cronista recria a ordem social, esteticamente” (PEREIRA, 2004, p. 93), o que provoca rupturas nos jornais da época, como podemos ver a seguir:

Machado, como cronista, promoveu uma leitura das idéias da classe dominante, especificamente através da ironia sobre o vazio lingüístico do discurso político. Enquanto a escravidão desmentia as idéias liberais, a nossa burguesia importava o *modus vivendi* da corte, deixando transparecer atitudes contrárias, ao organizar seu modo de produção, como refletiu Roberto Schuawartz em *Ao Vencedor as Batatas*. Machado vai se aproveitar dos desníveis entre idéias, modo de produção e modernidade, para refletir sobre a organização social do Brasil, em especial a do Rio de Janeiro, do fim do século passado. (PEREIRA, 2004, p. 80-81)

No que se refere à linguagem, podemos afirmar que as crônicas machadianas distanciam-se da referencialidade do texto jornalístico. O autor experimenta nos jornais várias linguagens, sem a preocupação de “dar aos leitores ‘a verdadeira dimensão dos acontecimentos’, mas introduzindo recursos estético-metodológicos, como a metáfora, que melhoram a compreensão de fatos sociais” (Pereira, 2004, p. 95) e os redimensionam socialmente. Com isso, a ficção invade o espaço da crônica.

Outro importante recurso que aparece nos textos de Machado é o diálogo que mantém com seu leitor, “porque a partir da relação escritor-leitor se pode retirar um novo significado de determinados fatos sociais e, até mesmo, emprestar-lhes riqueza estética” (PEREIRA, 2004, p. 86). Essa característica do autor pode ser verificada, entre outros exemplos, no fragmento da crônica sobre a Guerra de Canudos, de 14 de fevereiro de 1897:

Leitor obtuso, se não percebeste que “esse homem que briga lá fora” é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê, me és ainda mais obtuso do que parece. [...] Não sabe o nome do Messias; é “esse o homem que briga lá fora.” A celebridade, caro e tapado leitor, é isso mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais [...] (ASSIS, 1992, p. 765).

No fragmento, observamos que o autor dialoga com o leitor do texto, além de oferecer-lhe uma imagem de Antônio Conselheiro, líder espiritual do arraial de Canudos, diferente da

encontrada nos jornais da época, com caráter doutrinário e interesses ideológicos, já que o “Messias” oferecia risco à ordem social.

Machado de Assis, ao criticar o vazio filosófico e cultural da sociedade brasileira do século XIX, promove uma reflexão do mundo moderno. Suas crônicas veiculam ideias que causam um estranhamento temático no texto jornalístico e oferecem ao leitor uma nova percepção do contexto histórico-cultural, criando um exercício crítico sobre o mundo moderno e promovendo a leitura das contradições socioculturais da modernidade. Assim, a reflexão crítica inerente ao cronista propicia uma releitura dos fatos do cotidiano. Mesmo aqueles considerados de pouca importância, na crônica, “são recriados e pensados como novo” (PEREIRA, 2004, p. 107).

Conforme o que foi exposto, podemos ver que Machado de Assis confere à crônica autonomia estética, amplia o seu valor semântico em relação ao jornalismo da época em que está situado, possibilitando ao leitor interagir criticamente com o texto.

3.4 Luis Fernando Verissimo: um cronista contemporâneo

Luis Fernando Verissimo nasce em 26 de setembro de 1936, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O autor passa boa parte da infância e da adolescência nos Estados Unidos, tendo concluído a educação básica na Roosevelt High School, devido ao trabalho de seu pai, o consagrado escritor Érico Verissimo, como professor na Universidade de Berkeley, na Califórnia.

Verissimo expressa sua arte na crônica, no conto, no romance, no cartum, e até mesmo na poesia. É também tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro e músico. O escritor inicia sua carreira no jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, no ano de 1967, como revisor de textos, mas, em 1969, passa a assinar a sua própria coluna no jornal. A partir daí, devido ao talento inquestionável, seus textos começam a ser publicados em diversos jornais do país, tratando de esporte, cinema, literatura, música, gastronomia, política e comportamento, os quais refletem seu posicionamento crítico a respeito da sociedade brasileira.

É no ano de 1973, aos 38 anos, que Verissimo publica, pela Editora José Olympio, seu primeiro livro de crônicas: *O Popular*, com o subtítulo “crônicas, ou coisa parecida”, uma coletânea de textos já veiculados na imprensa. Atualmente, possui uma produção cultural bastante vasta, sempre liderando a lista dos livros mais vendidos.

O autor revela um estilo conciso de escrever, porém profundo. Em suas obras, observa, de forma bem-humorada e irônica, os conflitos e as situações contraditórias que acontecem no

nosso cotidiano, satirizando os costumes e os comportamentos da sociedade. Conforme Bordini (2008, p. 01), o escritor “prende seus leitores, não pelo suspense, mas pelo talento de desenterrar do curso da vida o que nela há de contraditório sem perder o bom humor”.

Em entrevista a Luiz Costa Pereira Jr., colunista do site UOL, concedida em outubro de 2005, o cronista afirma que “A principal matéria-prima para a crônica são as condições humanas. O modo como as pessoas se amam, se enganam, se aproximam ou se afastam num ambiente social definido. Ou qualquer outra coisa”.

De acordo com Maria da Glória Bordini (2008), o escritor, em seus textos,

[...] não esconde suas opiniões, seja quanto à política, às ideologias, à cultura, às artes e, cronista que é, não teme que sua crítica se torne datada. É da natureza da crônica estampar o tempo e este torna tudo passageiro, inclusive retratos e notícias, se não forem cobertos pelos véus da imaginação (BORDINI, 2008, p. 01).

Sobre isso, Pinto (2001, p. 08-09), em resenha crítica do romance *Borges e os orangotangos eternos* (2000), de Luis Fernando Verissimo, diz que o autor “quer nos fazer acreditar que suas crônicas e narrativas são apenas exercícios de humor e estilo e que podem ser lidos durante o café da manhã e esquecidos depois do almoço. Mas há algo de permanente e extremamente sério nesse ‘divertimento’”. É nesse sentido que as crônicas de Verissimo, junto com o riso, promovem a reflexão no leitor a respeito do mundo que o cerca.

Os personagens criados pelo autor parodiam os tipos mais comuns, tanto da política quanto da vida cotidiana, a fim de mostrar o ridículo de algumas situações. Um exemplo disso é a *Velhinha de Taubaté* (1983), seu décimo livro de crônicas. Essa personagem, definida como “a única pessoa que ainda acredita no governo”, foi criada com o objetivo de ironizar a política brasileira.

Em sua trajetória, Verissimo acumula vários prêmios recebidos de entidades ligadas aos direitos humanos e à liberdade de imprensa. Entre eles, podemos citar: em 1989, o *Prêmio Direitos Humanos da OAB*; em 1995, o *Homem de ideias do ano*, eleito por intelectuais brasileiros, através do Jornal do Brasil; em 1996, *Medalha de Resistência Chico Mendes*, da ONG Tortura Nunca Mais; *Medalha do Mérito Pedro Ernesto*, da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro e *Prêmio Formador de Opinião*, da Associação Brasileira de Empresas de Relações Públicas; em 1997, o Prêmio *Juca Pato*, da União Brasileira de escritores como o *Intelectual do ano*; em 1999, o *Prêmio Multicultural Estadão*; e, em 2004, na França, foi homenageado com o *Prix Deux Oceans* do Festival de Culturas Latinas de Biarritz.

Verissimo, um dos mais renomados cronistas contemporâneos, com seu estilo, talento e posicionamento crítico, é responsável pela popularização da crônica no Brasil. Por ser sucesso de público e de crítica e pelas qualidades de seu texto, selecionamos para o nosso trabalho uma crônica do autor, *Caras novas* (2009), a ser trabalhada na nossa pesquisa com alunos.

4 A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA

Escrever é esclarecer.
(Marguerite Yourcenar)

Consideramos que o texto literário narrativo, em especial a crônica, na interação com os conhecimentos contextuais e com a experiência de vida do sujeito, desencadeia processos mentais no leitor, que são capazes de promover a configuração/reconfiguração de sua subjetividade. Isso acontece em razão de que “o texto só se completa com a leitura, e esta é sempre individual porque individuais são as experiências de cada um” (CECHET, 2010, p. 25).

O exposto acima está em consonância com a perspectiva autopoietica (MATURANA e VARELA, 1990), segundo a qual os seres humanos são seres autônomos e auto-organizadores, que estão em contínua produção de si mesmos, através da interação com o meio, que age como dispositivo perturbador para desencadear mudanças internas. Essa concepção insere-se na teoria do conhecimento justamente porque os seres se constituem na interação com o meio e, nessa relação, conhecimento e subjetividade são produzidos, possibilitando novas configurações do sujeito.

Neste trabalho, a leitura da crônica é tratada como um dispositivo que mobiliza os sujeitos para novas atualizações de si. Como o texto literário é plurissignificativo, a construção de seu sentido acontece então com a participação do leitor, ao ativar, através da memória, conhecimentos que preenchem os espaços vazios, as entrelinhas do texto. A emergência da subjetividade do sujeito leitor, a partir do texto narrativo, faz com que esse sujeito construa o seu texto virtual, acarretando na organização interna de suas experiências e contribuindo para a sua formação integral.

Pretendemos pensar sobre a construção do texto virtual (ISER, 1999), ou seja, do texto oral e/ou escrito produzido pelo sujeito leitor, na interação com o texto literário narrativo, a partir da produção de autonarrativas. Essa ferramenta de investigação constitui-se numa estrutura de significação que organiza os acontecimentos de forma integral, atribuindo significado às ações individuais de acordo com o todo. Nesse sentido, ela pode ser considerada como um processo idiossincrático, uma vez que, através dela, o sujeito confere significado as suas experiências.

Podemos dizer que a produção de autonarrativas apresenta caráter formativo. Por isso, defendemos sua inserção como prática pedagógica, o que pode trazer benefícios para todos os envolvidos no processo educativo. Essa prática permite que o estudante mostre-se a si e ao outro, abrindo um campo fecundo para a problematização de como se constituem enquanto sujeitos individuais e coletivos. Ao revelar interesses, gostos, desejos, a autonarrativa leva, tanto alunos quanto professores, à reflexão, à produção de significados e a uma possível transformação da realidade. Assim, conforme Cunha (1997, p. 04), “diferentemente das situações de pesquisa, não é tanto o produto das narrativas o que mais interessa nesta circunstância, mas o processo de produção pelo qual vive o sujeito”.

Nessa perspectiva, Scholze (2006), no artigo intitulado *Por uma pedagogia da leitura e da escrita*, afirma que:

A compreensão da importância que a narrativa de si (LARROSA, 1996) pode assumir como narrativa de escrita, nas aulas de Língua portuguesa, reside na possibilidade de construção cultural que o sujeito faz de si mesmo e de sua inserção no coletivo, ora assumindo para si papéis que lhe são legados, ou reescrevendo estas narrativas sob uma ótica que permita questionar esses papéis e desenhar para si mesmo um novo personagem na história de sua vida (SCHOLZE, 2006, p. 01).

Desse modo, entendemos que a escola, instituição que desempenha papel importante nas relações entre a família e a sociedade, pode e deve proporcionar experiências educativas que possibilitem a seus educandos sentirem-se à vontade para participar do mundo em que vivem de maneira reflexiva, crítica e transformadora.

Queremos deixar claro que não estamos colocando aqui a leitura do texto literário narrativo como determinante no processo de produção de subjetividade, mas como gatilho/potencializador que mobiliza o sujeito para tal, tendo em vista que o processo de leitura “implica em perturbações, interação com o texto e mobilização interna disparada pelo contato com o texto” (NIZE, 2005, p. 03).

4.1 A autonarrativa

A proposta deste trabalho é investigar a relação que se estabelece entre o leitor, o texto literário narrativo e a produção de subjetividade, pesquisada a partir de autonarrativas. Entendemos por autonarrativa a construção narrativa realizada pelo sujeito, aquele que se constrói como um ser de palavras, ao tomar consciência de si mesmo (LARROSA, 2006), a partir de sua memória, de narrativas lidas, ouvidas e/ou experienciadas, ideias, crenças,

expectativas de vida, baseadas na sua interação com o meio. Assim, através da linguagem, o sujeito é conduzido a sua própria história (LARROSA, 2006).

A nossa ferramenta de investigação está em consonância com a ideia de Ferrer (1995), para quem “compartir a historicidade narrativa e a expressão biográfica dos fatos percorridos se converte em um elemento catártico de des-alienação individual e coletiva, que permite situar-se desde uma nova posição no mundo” (p. 178). Ao escrever suas experiências, crenças, expectativas, o sujeito reflete sobre elas, o que é uma autorreflexão que leva a uma autocompreensão e a uma possível reinvenção de si mesmo.

A narrativa está situada em uma matriz de investigação qualitativa, pois está baseada na experiência vivida e nas qualidades da vida e da educação. Conforme Connelly e Clandinin (1995), no livro *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*, a investigação narrativa cada vez mais é usada para estudar a experiência educativa, justificando tal prática por ser a narrativa uma estrutura fundamental da experiência humana e também pelo fato de os seres humanos serem organismos contadores de história.

Contar histórias é inerente ao ser humano. Mas contar a própria vida parece não ser tarefa fácil, até porque muitas vezes as pessoas não são estimuladas para isso. É uma atividade que envolve a subjetividade humana. Fazê-la, exige um pensar e repensar, num contínuo processo de constituição de si.

Para Connelly e Clandinin (1995), a narrativa é tanto um fenômeno que se investiga (história, relato) como um método de investigação (narrativa). Seu estudo é o estudo da forma que os seres humanos experimentam o mundo integralmente, sendo uma maneira de caracterizar os fenômenos vivenciados. Assim, os investigadores narrativos buscam descrever as vidas relatadas.

Os autores apresentam como parte essencial da investigação narrativa a questão ética, relacionada aos princípios que estabelecem as responsabilidades tanto dos investigadores como dos participantes. Em relação a isso, destacam que a investigação colaborativa deve transcorrer dentro de uma relação de igualdade, atenção mútua e intenção compartilhadas entre os envolvidos no processo, numa relação em que as vozes dos investigadores e dos participantes sejam ouvidas.

Dentre as ferramentas de trabalho de investigação narrativa, encontramos as notas de campo, recolhidas através da observação participativa, notas de diário, entrevista, contagem de histórias, a escritura de cartas (diálogo entre investigador e participantes), escritos autobiográficos e biográficos, entre outros. Em relação às narrativas orais, as narrativas

escritas são mais disciplinadoras do discurso e oferecem maior oportunidade de compreensão da escrita (FERRER, 1995).

Connelly e Clandinin (1995) afirmam que

O valor central da investigação narrativa deriva da qualidade de seus “temas”. A narrativa e a vida vão juntas e, portanto, o atrativo principal da narrativa como método é sua capacidade de reproduzir as experiências da vida, tanto pessoais como sociais, de forma relevante e plena de sentido (CONNELLY & CLANDININ, 1995, p. 43).¹

Nessa perspectiva, a identificação entre leitor e texto literário é possível, porque a literatura, ao partir do individual, dá conta do universal. Desse modo,

O acontecimento particular, que contextualiza a narrativa, é sobrepujado por uma significação mais larga, que aponta, para os sentimentos de todos os homens. O que importa não é o fato sobre o qual escrevemos, mas as formas de sentirmos e pensarmos esse fato, o que nos aproxima de todos os homens. Assim funciona a literatura e, por isso, ela oferece uma leitura mais larga e profunda. (AGUIAR, 2007, p. 29)

Na verdade, o texto literário não necessariamente trata da experiência exata vivida pelo leitor, mas, na maioria das vezes, de uma metáfora, permitindo aos sujeitos dar sentido às suas memórias e levando-os a criar suas próprias metáforas, o que possibilita a transformação de suas experiências.

Acreditamos que a relação entre o texto literário e a autonarrativa pode ajudar o leitor a construir a sua própria história na medida em que, na produção textual, é autor, narrador e personagem principal da narração. Nesse espaço privilegiado de construção de si mesmo, organiza o pensamento, pratica uma reflexão de si, na relação com o outro e com o mundo.

Porém, o investigador não pode esperar a fidelidade dos fatos narrados, pois “as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão preñes de significados e reinterpretações” (CUNHA, 1997, p. 02). Durante a narração, as vivências são interpretadas e ressignificadas pelo sujeito narrador a partir do momento presente. É por esse motivo que, conforme Cunha, a narrativa pode ser transformadora da própria realidade.

O tempo e o espaço da narrativa são pontos de referência que constituem a experiência. Para Connelly e Clandinin (1995), é necessário compreender o curso da investigação narrativa

¹ Tradução livre da autora: El valor central da investigación narrativa deriva de la cualidad de sus “temas”. La narrativa y la vida van juntas y, por tanto, el atractivo principal de la narrativa como método es su capacidad de reproducir las experiencias de la vida, tanto personales como sociales, en formas relevantes y llenas de sentido.

como um processo no qual continuamente deve-se dar conta dos múltiplos níveis (temporalmente simultâneos e socialmente interativos) no que procede ao estudo: ao mesmo tempo, o sujeito vive suas histórias num contexto experiencial, conta-as com palavras, reflete suas vivências e as explica aos demais. É nesse ponto que reside a complexidade da narrativa para o investigador.

Assim, a autonarrativa é produzida no presente, traz à tona lembranças do passado que fazem parte da trajetória de vida do sujeito e, através dela, é possível projetarem-se ideias para o futuro. O passado se manifesta na medida em que a leitura de uma narrativa pode despertar no leitor lembranças guardadas, rememoradas. Nesse sentido, a autonarrativa é importante para que o narrador tente “organizar um tempo sentido e vivido no passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar” (MALUF, 1995, p. 29), numa sequência significativa, para que possa entender a construção de si mesmo.

D’Onófrío (1995) chama atenção para o fato de que “o passado, no ato de ser rememorado, perde sua pureza de passado e torna-se presente” (p. 101). Essa afirmação se justifica pela razão de que, no ato da rememoração, o passado não pode mais ser construído tal como ocorreu, mas como é recriado pelo sujeito.

O tempo futuro também aparece com frequência na construção narrativa. Através dele, realimentamos as expectativas que criamos para o porvir, ao manifestarmos sentimentos, desejos, projetos de vida, etc.

No que se refere a tempo passado e futuro presentes nas autonarrativas, é importante observar que “como não nos desligamos do nosso passado e estamos sempre projetando nosso futuro, temos de considerar que tanto o passado como o futuro não são lineares, não são exatamente como estão presentes na nossa memória ou na nossa imaginação” (SCHOLZE, 2006, p. 03). “Em termos gerais, o passado transmite significatividade, o presente transmite valores, e o futuro transmite intenção. A explicação narrativa e, portanto, o sentido da narrativa está constituído de significado, valor e intenção” (p. 38).

Além de saber que, durante a narração, as vivências são ressignificadas pelo sujeito narrador, é fundamental a compreensão de que, no processo de interpretação das narrações, há a interferência das interpretações do próprio pesquisador/investigador, numa relação dialógica e subjetiva.

Sobre isso, Cunha (1997) acrescenta que

[...] fatalmente haverá a interferência de quem ouve, especialmente na re-interpretação de significados, o que mostra que uma narrativa acaba sempre sendo um processo cultural, pois tanto depende de quem a produz como depende de para quem ela se destina. De algum forma, a investigação que usa narrativas pressupõe um processo coletivo de mútua explicação em que a vivência do investigador se imbrica na do investigado (CUNHA, 1997, p. 05).

O espaço é o lugar onde a ação ocorre, onde os personagens se formam, onde vivem suas histórias e onde o contexto social e cultural se manifestam. É possível que o lugar e o cenário sejam a construção mais completa para os investigadores narrativos (CONNELLY e CLANDININ, 1995). Assim, é importante relacionar o espaço ao desenvolvimento do enredo e à construção de sentidos do texto, pois o espaço é um elemento da narrativa que pode ser entendido como uma forma de manifestação das práticas ideológicas do contexto focado.

Conforme o exposto, vimos que o sentido do texto literário só se completa com a sua leitura, ou seja, com a efetiva participação do leitor. Nessa prática, o sujeito é influenciado por suas experiências e concepções de mundo. Daí porque, junto com esse sentido, ao se identificar com o texto narrativo, tomar consciência de si mesmo e refletir, com base na relação entre pensamento e linguagem, o leitor constrói o texto virtual, que pode se manifestar oralmente ou por escrito, a partir da interação com o texto literário (real). Consideramos o texto construído pelo sujeito como um elemento catártico de fundamental importância para promover a formação integral do sujeito leitor.

Na nossa investigação, o texto virtual, concretizado nas autonarrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa, constitui-se num importante recurso para que possamos descrever, caracterizar, problematizar como os sujeitos se constituem na relação com a crônica selecionada por nós.

Para tanto, consideramos que os elementos estruturais da narração não podem ser descritos aleatoriamente, mas devem ser vistos como componentes semânticos essenciais para o estudo das relações que faz o sujeito, mesmo que inconscientemente, no processo de constituição de si. Por isso, acreditamos que o nosso trabalho poderá contribuir não apenas para novas ações pedagógicas como também para redimensionar as nossas vivências como pesquisadores e de nossos sujeitos da pesquisa.

4.2 A metodologia aplicada

Através desta pesquisa, buscamos explicitar os processos de construção de sentido que envolvem a crônica literária e seu significado para a formação da subjetividade do leitor, na

sociedade contemporânea, por considerarmos essa uma questão de extrema relevância para a formação do sujeito social.

Para isso, resolvemos realizar um estudo da experiência desenvolvida com a crônica literária, com uma turma de 1º ano do ensino médio do Colégio Militar de Santa Maria - RS, embasando esse trabalho com a teoria que fundamenta a questão.

Para as atividades com o texto literário, escolhemos a crônica *Caras novas*, do autor contemporâneo Luis Fernando Verissimo e, objetivando proceder a uma interpretação acerca da produção de subjetividade do leitor, a partir do texto literário selecionado, empregamos como instrumento de pesquisa autonarrativas produzidas pelos sujeitos investigados.

Para realizar a investigação, lançamos a proposta de trabalho aos alunos, salientando a importância desse tipo de atividade para a sua formação. Esclarecemos ainda o caráter voluntário da pesquisa, pedindo a autorização dos responsáveis para os alunos interessados em participar.

Dos 34 alunos da turma em questão, 17 meninos e 17 meninas, com idades entre 14 e 17 anos, apenas um menino² não participa do estudo. Para os demais, aplicamos³ as atividades de leitura e produção de autonarrativas na sala de aula durante a aula de Língua Portuguesa, com duração aproximada de duas horas, no turno da manhã. Para preservar a identidade dos sujeitos investigados, seus nomes não são revelados. Como dados de identificação de cada aluno, apresentamos apenas idade e sexo.

O trabalho com os educandos constitui-se em quatro etapas. Na primeira delas, uma cópia da crônica *Caras novas*, de Luis Fernando Verissimo, é distribuída para cada aluno a fim de que façam uma leitura silenciosa da mesma. Na segunda etapa, solicitamos que produzam uma autonarrativa, escrevendo ideias, percepções, expectativas, reflexões etc, despertadas na interação individual com a crônica lida. Então as autonarrativas são recolhidas.

Na terceira etapa, realizamos uma interação entre os participantes da atividade, através do debate das ideias veiculadas pela crônica, ampliando-as no sentido de que não nos limitamos ao texto, mas a tudo o que a sua leitura possa ter despertado nos leitores. Ressaltamos que, nessa atividade, é importante a confiança e o respeito entre investigador e alunos (investigados)

² Esse aluno, num primeiro momento, aceita participar do estudo. Porém, desiste ao solicitarmos a produção das autonarrativas. Mesmo assim, permanece em sala durante as atividades.

³ As atividades de leitura e produção de autonarrativas foram aplicadas por esta pesquisadora para uma turma de 1º ano do Ensino Médio do Colégio Militar de Santa Maria-RS, na qual atua como docente de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

e entre os próprios colegas, para que todos possam se manifestar sem receio de que suas palavras sejam consideradas inadequadas.

Então, pedimos aos alunos a produção de uma segunda autonarrativa, fruto da interação entre as diversas manifestações do grupo a respeito do texto. Como sabemos, o diálogo individual e/ou com o outro a partir da leitura pode levar o leitor a escrever o seu texto virtual. A nossa pretensão ao solicitar aos alunos a produção de duas autonarrativas, partindo da interação com o mesmo texto literário (a primeira derivada da leitura individual, sem mediação; a segunda, da mediação do grupo), justifica-se pelo fato de querermos verificar em que medida o diálogo com outras pessoas sobre o mesmo texto é configurador da subjetividade do sujeito, podendo, através dele, emergir outros elementos não pensados na leitura silenciosa e individual.

Esse ponto de vista é importante no sentido de que a sala de aula é um espaço que privilegia a coletividade e, portanto, as práticas pedagógicas devem estar voltadas para o diálogo, tendo o professor também a tarefa de mediar as relações que se estabelecem na produção de significados de um texto. Isso significa que o aprendiz não precisa abrir sozinho seu caminho através da lição, “mas que a lição, em si, seja um exercício na coletividade, dependente da sintonia do professor com as expressões e intenções dos membros da classe” (LARROSA, 2006, p. 139).

Empregamos a investigação de caráter qualitativo para a interpretação, discussão e reflexão do produto das autonarrativas. Bogdan e Biklen (apud LÜDKE & ANDRÉ, 1986) acrescentam que esse tipo de pesquisa utiliza dados descritivos obtidos pelo pesquisador no contato com a situação em estudo, enfatizando o processo e levando em consideração a perspectiva dos participantes. Desse modo, esse tipo de investigação “tem tido o mérito de explorar e organizar este potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através dele” (CUNHA, 1997, p. 05).

Pretendemos explicitar os processos de construção de sentido que envolvem a crônica literária e seu significado para a formação da subjetividade do leitor, na sociedade contemporânea, através da descrição, interpretação, discussão e reflexão dos textos produzidos pelos sujeitos investigados. Para tanto, a partir da fundamentação teórica pesquisada, evidenciamos algumas questões, a respeito do texto/crônica, do leitor e da subjetividade presente nas autonarrativas, que servem de base para nossa investigação.

4.2.1 O trabalho com o texto

Como vimos, no primeiro capítulo, o texto literário apresenta uma dimensão plurissignificativa, que possibilita a criação de novas relações de sentido, ampliando a percepção da realidade e promovendo a reflexão, a crítica e a transformação do sujeito leitor.

Ao tomar consciência de si mesmo, a partir do texto experienciado, o sujeito leitor tem a necessidade de escrever a sua própria história. Mas, para que isso ocorra, o texto literário necessita de suficiente subjuntividade. Conforme descrito no primeiro capítulo deste trabalho, Bruner (1997) considera que, para subjuntivizar a realidade, são necessárias três características do discurso: desencadeamento da pressuposição (criação de significados implícitos), sujeitificação (descrição da realidade) e perspectiva múltipla (contemplação do mundo através de um conjunto de prismas, cada um deles captando uma parte desse mundo).

Essas características são observadas ao interpretarmos a crônica *Caras novas* de Luis Fernando Verissimo. Selecionamos esse texto com a pretensão de empregá-lo como elemento mobilizador do sujeito, no sentido de possibilitar novas configurações de si.

4.2.2 O leitor e a produção de autonarrativas

Na perspectiva autopoietica (MATURANA e VARELA, 1990), conceito já referenciado neste trabalho, entendemos que o sujeito se autoproduz a partir das suas interações com o meio, que atua como dispositivo perturbador para desencadear mudanças internas, permitindo que ocorra um acoplamento estrutural, num contínuo processo de produção de novas configurações do sujeito. Esse constante vir a ser do sujeito, através das múltiplas relações que faz com o meio, é o que complexifica a abordagem proposta para esta investigação.

Neste trabalho, a leitura da crônica é tratada como um dispositivo que mobiliza os sujeitos para novas atualizações de si. Assim, é o leitor quem significa o texto. A partir disso, a emergência da subjetividade do sujeito leitor faz com que ele construa o seu texto virtual, acarretando na organização interna de suas experiências.

O processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita é tratado como grande responsável e possibilitador da configuração contínua do indivíduo. Mas, para que isso se efetive, sabemos que o leitor deve ter uma participação ativa no ato da leitura. A recepção da obra de arte, no caso o texto literário, requer uma elevada atividade psíquica do sujeito. Durante a leitura, conforme tratado no primeiro capítulo desta pesquisa, o leitor passa por três

momentos (Vigotski): estimulação, elaboração e resposta, definidos pelos campos da percepção, da imaginação criativa (fantasia) e do sentimento, respectivamente.

Para Larrosa (2006),

A leitura torna-se assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados, ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isto é, de um texto múltiplo e infinito (LARROSA, 2006, p. 146).

Desse modo, a partir da relação do texto real (texto literário) e da sua experiência de vida, crenças, valores, o leitor constrói o seu texto virtual, que pode ser considerado de fundamental importância para a formação integral do ser humano.

Neste estudo, pretendemos, através das autonarrativas produzidas pelos alunos, investigar os processos de construção de sentido que envolvem a crônica literária e o que isso significa para a formação da subjetividade do leitor, na sociedade contemporânea. Para isso, com base na teoria pesquisada, descrevemos e discutimos as autonarrativas a partir de algumas questões e marcadores explicitados a seguir.

Para as autonarrativas produzidas “sem mediação do grupo”, partindo da leitura silenciosa da crônica selecionada como dispositivo para promover a subjetividade do sujeito, pretendemos pensar sobre: *Como o leitor aborda a temática? Surgem novos sentidos? Quais são eles?; De que forma o aluno entende a ironia e o humor, recursos discursivos empregados pelo autor para expressar a posição crítica acerca da temática abordada na crônica?; Em que medida a história lida tem elementos da história real do leitor? O leitor se identifica com algum personagem? Como ele manifesta essa identificação?; e De que forma o leitor expressa as emoções que constituem o texto e como supera os sentimentos antagônicos experienciados, possibilitando a catarse?*

Para as autonarrativas produzidas “com mediação do grupo”, temos como dispositivos de configuração do sujeito leitor, além da leitura silenciosa, as opiniões e reflexões acerca da leitura do texto literário. Nessa etapa, empregamos dois marcadores para descrever e discutir os dados gerados a partir da produção textual dos alunos: a *complexificação* e a *autopoiesis*, ou seja, desejamos pensar a respeito das relações/interações que os sujeitos fazem ao se narrarem (atribuírem significados a si mesmos).

É com base no que foi explicitado anteriormente, na relação entre texto literário/crônica, leitor e a descrição das autonarrativas, que pretendemos fazer, então as considerações a

respeito da subjetividade inerente à experiência literária. Vale ressaltar que este tipo de pesquisa tem caráter subjetivo e, portanto, não se pode esperar que apresente dados objetivos e exatos. Além disso, lembramos que os textos dos alunos trazem apenas uma representação das suas realidades, por isso não devemos contar com a fidelidade dos fatos narrados. Ainda, sabemos que a interpretação dos textos dos alunos traz as marcas da subjetividade do investigador. À parte essas ressalvas, acreditamos que, através da metodologia descrita, é possível discutir e refletir sobre a questão que norteia este trabalho.

5 A EXPERIÊNCIA NARRATIVA

*Quando você olha para fora, sonha.
Quando olha para dentro, você acorda.*
(Carl Yung)

A fim de relacionar os processos empregados na construção de sentido da crônica literária e a formação da subjetividade do leitor na sociedade contemporânea, a partir de agora, procedemos ao estudo da crônica selecionada para a investigação, do leitor e à descrição, interpretação, discussão e reflexão das autonarrativas produzidas pelos sujeitos investigados, com base nas questões e nos marcadores já explicitados na metodologia proposta para esta pesquisa.

5.1 A crônica *Caras novas*, de Luis Fernando Verissimo

O texto *Caras novas*, do cronista contemporâneo Luis Fernando Verissimo, integra a obra intitulada *Antologia de crônicas: crônica brasileira contemporânea*, organizada por Manuel da Costa Pinto e publicada pela Editora Moderna, em 2005.

Selecionamos essa crônica para fazer parte da nossa pesquisa, primeiro, pela relevância da temática, uma vez que “o culto ao corpo, imposto às mulheres e também aos homens, é uma das características mais marcantes da cultura contemporânea” (CABEDA, 2004, p. 149) e, por isso, deve ser pensada e problematizada; segundo, pelo autor, que agrada bastante aos leitores devido a sua maneira de abordar as temáticas cotidianas: de uma forma crítica, reflexiva, leve e bem-humorada.

A seguir, apresentamos uma interpretação para essa crônica, que serve de base para o trabalho de discussão e reflexão sobre a temática proposta, durante a leitura mediada em sala de aula. Essa interpretação deve ser vista como uma possibilidade de leitura, já que o texto literário é plurissignificativo.

Nesse texto, Verissimo aborda a temática da cirurgia plástica, fazendo uma crítica ao narcisismo da sociedade do espetáculo em que vivemos hoje. Nesse contexto de consumismo exagerado, cada vez mais “ter” e “parecer” se sobressaem ao “ser”. Assim, exercícios físicos, muitas vezes em excesso, tratamentos estéticos, como cremes, massagens, botox, entre outros procedimentos, já não são suficientes. As pessoas buscam cada vez mais o que para elas é a

perfeição, com base num padrão definido pela mídia. É aí que, para se transformarem, literalmente, recorrem à indústria da cirurgia plástica.

Para interpretar a crônica de Veríssimo, é preciso que o leitor entenda o humor e a ironia presentes no texto. Essas estratégias subjetivas de discurso, além de propiciarem prazer ao leitor, possibilitam-lhe a conscientização a respeito da realidade. Assim, o cronista não oferece respostas, pelo contrário, através de seu texto, busca despertar a reflexão. Nesse sentido, o leitor deve lançar mão de seus conhecimentos de mundo, para, numa atitude ativa diante do texto, preencher os espaços vazios, pensar além do que o texto diz.

Através da afirmação inicial “O Rio é a capital mundial da operação plástica”, a temática é contextualizada. O local mencionado é conhecido como um dos mais belos do mundo, com clima quente, carnaval e pessoas bonitas. O cenário ideal para a maioria dos famosos e das pessoas que buscam desesperadamente o sucesso.

Para construir a narrativa, Verissimo utiliza-se predominantemente do tempo presente, o que confere um grau de atualidade à temática abordada, fazendo com que o leitor, simultaneamente à leitura da crônica, pense e reflita sobre as questões propostas pelo narrador do texto.

O autor mescla comentários do narrador feitos em 1ª pessoa a respeito do tema e diálogos hipotéticos entre os personagens, dando dinamismo ao texto. A visão do narrador a respeito de cirurgias plásticas é bastante transparente: através de exemplos, ele retrata o exagero que vem ocorrendo nessa área, tal que, através do último diálogo entre personagens, apresenta a situação de uma pessoa que, após várias cirurgias plásticas, deixa de ser reconhecida. Daí a coerência do título do texto: *Caras novas*.

O próprio narrador, embora apenas uma vez, diz já ter consultado um cirurgião plástico, conforme podemos ver no fragmento: “Quem não consegue reserva com o Pitanguy recorre a outros restauradores brasileiros, com menos nome mas igualmente competentes (é o que dizem, eu não sei. Na única vez que consultei um cirurgião plástico ele foi radical: sugeriu outra cabeça...)”. Entre parênteses, ele faz uma ressalva – “é o que dizem, eu não sei” - a respeito de outros restauradores brasileiros serem tão competentes quanto o Pitanguy, eximindo-se da responsabilidade com a informação, como forma de deixar claro para o leitor que não é um profundo conhecedor desse assunto.

Logo a seguir, assume já ter consultado um cirurgião plástico, experiência que não deu certo, pois o profissional sugeriu-lhe “outra cabeça”. Essa brincadeira do narrador com sua própria aparência pode revelar o radicalismo desses profissionais, que estão mais preocupados

em “transformar” as pessoas, deixando-as conforme o padrão instituído e simplesmente corrigir pequenas insatisfações, sem que, com isso, os pacientes percam suas identidades.

As personagens retratadas por Veríssimo representam as pessoas preocupadas excessivamente com a aparência física. A partir de “os visitantes que chegam tapando o rosto e pedindo informações”, é possível pensar sobre um fato que ocorre na nossa sociedade: as pessoas fora do padrão são levadas a se sentir culpadas e envergonhadas por tal situação. A intenção é fazê-las acreditar que são pessoas sem força de vontade, desleixadas e com autoestima baixa. Isso significa mais uma vez que a tendência é não aceitar as pessoas como são, mas supervalorizar o que devem e aparentam ser.

Antigamente, acreditava-se que a preocupação com a forma limitava-se às mulheres. Hoje, vem aumentando cada vez mais o número de homens que recorre a procedimentos estéticos. Dos casos hipotéticos retratados por Veríssimo a respeito do assunto, um deles ocorre com o sexo masculino: “- Que tipo de operação o senhor deseja?- Papada. Quero um bom homem de papada.”

Algumas pessoas são tão preocupadas com a estética que beiram o ridículo, como em “Muito comentado o encontro casual de Dora Avante e Scaninha Vabis na pérgola do Copa, sábado pela manhã. As duas estavam com o mesmo nariz. Damage...”. Depois de fazerem um procedimento cirúrgico, abrem-se as portas para muitos outros. Às vezes, tais pessoas ficam irreconhecíveis, como podemos ver em “- Mas... este passaporte não é seu”.

Philippe Perrot (1984) chama atenção para o fato de que, na nossa cultura, há um imperativo para a exibição dos corpos, que devem transmitir a ideia de beleza, juventude e saúde. Por isso, estar fora dos padrões estabelecidos para os dias de hoje pode gerar vergonha, repulsa por si mesmo, doenças comportamentais, entre outros abusos extremamente prejudiciais à saúde física e psicológica do sujeito.

A linguagem empregada pelo autor do texto está permeada de ironia, como é possível observar em “O cirurgião plástico, injustamente chamado de gigolô da vaidade, desempenha uma função social muito importante.”. Para referir-se ao ser humano, vimos uma linguagem comumente usada para objetos, como em “Quem não consegue reserva com o Pitanguy recorre a outros restauradores brasileiros...”. Pessoas restauradas? Como assim? Em relação a isso, Cabeda (2004) ressalta que “a representação do corpo é vista hoje como matéria-prima ou máquina imperfeita e frágil que pode ser reconstruída e tornada perfeita pela ciência e pela tecnologia (p. 150)”. Nessa visão, a linguagem empregada está de acordo com o tempo em que vivemos. Mas o exagero é tanto que muitas pessoas tratam seus corpos como objetos,

colocando em risco a própria saúde: “- Minha senhora, é impossível esticar a sua pele ainda mais. Já lhe operei 17 vezes. Não tenho mais o que puxar.”

Como vimos, a interpretação do texto deve ir além da história. Conforme Bruner (1997), isso é possível porque a situação humana abordada deve possuir um significado atemporal, ser interessante e acessível aos leitores, além de ser constituída por “suficiente subjuntividade”, para o que são necessárias três características do discurso: desencadeamento da pressuposição (criação de significados implícitos), sujeitificação (descrição da realidade) e perspectiva múltipla (contemplação do mundo através de um conjunto de prismas, cada um deles captando uma parte dele).

Com base em todas as situações hipotéticas e bem humoradas apresentadas pelo narrador, cabe ao leitor refletir sobre o tema. Nessa busca incansável pela aparência perfeita, a crônica de Luis Fernando Verissimo provoca algumas reflexões. E a individualidade, as características particulares de cada um, não são mais valorizadas na nossa sociedade? A aparência modificada afeta a essência? Como sentem-se as pessoas “repaginadas” com sua nova forma? Isso as deixa mais felizes? E sobre a constante insatisfação? E a saúde?

Consideramos que a crônica *Caras novas*, de Luis Fernando Verissimo, apresenta as qualidades descritas por Bruner (1997) para uma ótima contagem de história. Esse texto promove a reflexão de que vivemos em uma sociedade que procura aprisionar o indivíduo através de padrões sociais e culturais aceitos muitas vezes sem nenhum questionamento. Ter consciência dessa realidade é fundamental para que o sujeito não se torne uma vítima da cultura dominante. Na verdade, o mais importante é que ele possa escolher, o que só é possível quando são abordadas temáticas que mostram a condição humana por vários ângulos. Por isso, consideramos possível, a partir da crônica *Caras novas* e do uso de sua imaginação criativa, o leitor escrever o seu “texto virtual”, que repercute na configuração/reconfiguração de sua subjetividade.

5.2 O leitor e a crônica *Caras novas*

Para reconhecer os sujeitos da pesquisa e seus respectivos textos, os alunos são identificados pelo sexo e por um número, previamente fixado nas folhas recebidas para a produção das autonarrativas, constando o mesmo número para a autonarrativa 1 e para a autonarrativa 2. Pertencendo ao sexo masculino, temos os alunos 1, 2, 3, 7 (este permanece em sala de aula durante a atividade proposta, recebe a crônica selecionada para a pesquisa,

mas não participa ativamente da investigação), 8, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 30 e 32, e ao sexo feminino, as alunas 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 20, 24, 27, 28, 29, 31, 33 e 34.

Nesta parte da pesquisa, procedemos então à descrição, interpretação, discussão e reflexão das autonarrativas produzidas pelos sujeitos investigados. Conforme exposto na metodologia de trabalho, a partir da fundamentação teórica pesquisada, evidenciamos algumas questões a respeito do processo de construção de sentido que se estabelece entre a crônica contemporânea *Caras novas* e o leitor e o que isso significa para a formação da sua subjetividade.

5.2.1 Investigação das autonarrativas produzidas a partir da leitura não mediada

Nessa etapa, a nossa investigação se concentra nas autonarrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa⁴ a partir da leitura silenciosa da crônica *Caras novas*, ou seja, sem a mediação do grupo de colegas e da professora investigadora. Primeiramente, detivemo-nos em *Como o leitor aborda a temática? Surgem novos sentidos? Quais são eles?*

Observamos que os sujeitos investigados relacionam o conteúdo presente na crônica a seus valores e opiniões, havendo reflexão a partir do contato com o texto. Conforme previsto, os alunos não se limitam a reproduzir as palavras do cronista; pelo contrário, expressam suas ideias, posicionando-se acerca do tema e ampliando os sentidos do texto. Segundo Nóbrega (s.d, p. 07), “À medida que afirmamos ou negamos alguma coisa, estabelecemos as nossas relações significacionais, conforme o que nos ensinam e conforme o que aprendemos”. Daí podermos afirmar que a nossa expressão é também uma expressão cultural.

Dentro da temática proposta pelo texto, os alunos salientam o descontentamento com o corpo e a busca pela perfeição humana e, como consequência disso, o aumento pela procura de cirurgões plásticos. Consideram que esse comportamento deriva da vaidade humana, como podemos ver em:

Com o texto *Caras Novas* de Luis Fernando Verissimo eu percebi que a cada dia aumenta a busca da perfeição humana, onde a procura de cirurgões plásticos só aumenta.
O ser humano não se contenta com o seu corpo e acaba fazendo cirurgias para contentar a sua vaidade. (aluno 1)

⁴ Nosso objetivo, neste trabalho, não é focalizar os erros ortográficos encontrados nas produções textuais dos sujeitos investigados. Assim, mantivemos as inadequações gramaticais, conforme os textos originais, sem nos preocuparmos com elas.

Após a leitura do texto “Caras novas” de Luis Fernando Verissimo refleti e percebi que hoje em dia as pessoas buscam a perfeição e não aceitam o corpo que lhes foi concedido. (aluno 16)

No mundo ocidental, nas últimas décadas, as mulheres vêm conquistando espaço na sociedade em que vivem. No entanto, a ascensão do culto da aparência “tem produzido projetos existenciais orientados basicamente pela busca de um corpo belo e jovem” (CABEDA, ANO, p. 149), o que, segundo as manifestações feministas, “parece reduzir as conquistas femininas a meras ilusões” (p. 149). Alguns alunos ressaltam essa situação, considerando a vaidade uma característica predominante nas mulheres:

Hoje, os homens e principalmente as mulheres, importam-se somente com a aparência, chegando a casos extremos, viajando a outros países para tentar mudar o visual. (aluno 3)

A frase “ninguém é perfeito” é uma realidade, porém a sociedade insiste em contrariá-la, principalmente as mulheres. Por mais que “alguém” já seja “bonito”, sempre estará inconformado com algo, sempre em busca da “perfeição”. (aluna 11)

Nos dias atuais as operações plásticas são muito desejadas pelas mulheres. Em minha opinião isto ocorre pela vaidade, elas estão sempre descontentes com a sua beleza, é um nariz muito grande, uma bunda muito pequena, seios pequenos, rugas na face, geralmente não contentes com sua beleza natural, o que Deus a deu. (aluno 23)

O assunto apresentado no texto não me leva muitas reflexões e pensamentos, pois não entendo muito sobre o assunto e também não me interessa, já que o texto fala sobre algo que é muito feminino. (aluno 26)

Como podemos ver, no fragmento transcrito da aluna 11, as palavras *bonito* e *perfeição* aparecem entre aspas, talvez porque os seus significados sejam baseados em critérios subjetivos.

Ainda em relação à vaidade, alguns alunos observam que, quando desmedida, pode interferir na saúde da pessoa. Em casos mais graves, pode levá-la até mesmo à morte. Isso pode ser verificado em:

Com suas famílias ficando com o coração na mão, por que em muitas vezes é por vaidade vindo a óbito [...]. (aluno 2)

O pior nisso tudo, é a exposição a falhas médicas, as quais vão desde uma mudança física até, em casos mais graves, ao óbito. (aluno 3)

Me causa receio saber a dor que se sofre por um pouco de beleza a mais que não creio ser necessário pois a verdadeira beleza é a interior. (aluno 16)

[...] as pessoas ultimamente tem se preocupado muito com a beleza mas não param pra pensar que essas cirurgias podem acabar matando, como o que ocorreu com o vocalista do LS Jack, Marcos Menna, que por causa de uma simples lipoaspiração quase perdeu sua vida, e até hoje ele tem sequelas, tudo pelo simples fato de as pessoas não se contentarem com sua beleza. (aluno 17)

Alguns alunos relacionam a insatisfação com a aparência física e a consequente procura por cirurgia plástica à fragilidade psicológica e à baixa autoestima:

Posteriormente à leitura, questionei-me e pensei comigo, “pessoas que fazem essas cirurgias plásticas devem estar em uma busca incansável pela perfeição, ou, deve estar com a auto-estima baixíssima [...]”. (aluno 2)

[...] o Brasileiro é muito preocupado com as aparências físicas.
 [...] É claro que há varias relações entre aparência e bem estar, mas tenho minha teoria de que quando a pessoa decide mudar totalmente seu corpo, preenchendo aqui e puxando dali, o problema não é sua aparência em si, mas uma grande fragilidade psicológica, a mulher (como na maioria dos casos) quer se sentir melhor e não consegue ela mesma ficar em harmonia e se sentir bonita, segura, etc, precisa da aparência, muitas vezes o “interior” perde importância quando se tem um “exterior” mudado. [...] isso é uma doença. (aluna 6)

Vivemos em um mundo em que a aparência Física possui uma significativa importância na vida das importâncias, importância essa que geram diversos conflitos e atitudes.

[...] Mais de uma vez já ouvi de pessoas muito bonitas que queriam fazer uma lipoaspiração ou colocar silicone, quando se fossem feitas essas cirurgias essas pessoas continuariam insatisfeitas.
 São pessoas que acreditam que não encontrarão a felicidade com a atual aparência física [...]. (aluna 13)

Há educandos que pensam que o recurso estético tratado na crônica pode ser uma solução para a baixa autoestima, abordando o lado positivo da cirurgia plástica:

Apesar de ser uma mudança física positiva para cada indivíduo, este se expõe aos riscos que a cirurgia pode provocar. (aluno 3)

Cada pessoa possui a liberdade de escolha de fazer o que quiser com o próprio corpo, independente das consequências e das aparências que possa ter. De acordo com tal ponto de vista, acredito que a cirurgia plástica seja uma opção grandemente viável para pessoas que cansam de suas imagens, beneficiando assim a auto-estima. (aluno 8)

Precisa-se pensar na plástica em algo bom pra mim, pra minha auto estimas, mas não em algo vital. (aluna 13)

Como podemos observar, o aluno 8, diferentemente do ponto de vista evidenciado na crônica *Caras novas*, não critica as pessoas que se beneficiam da cirurgia plástica para mudar sua aparência, pois considera tal atitude como uma escolha pessoal que deve ser respeitada.

Reconhecemos a importância, nesse processo de construção de significado, da autonomia verificada nas autonarrativas. Alguns sujeitos não se limitam à opinião do cronista sobre o assunto tratado no texto. Apesar de predominarem as críticas aos exageros cometidos em prol da aparência física, há declarações que defendem tal prática:

Na minha opinião, Verissimo expressa em sua crônica, “Caras novas” uma visão exagerada. A cirurgia plástica tem como objetivo principal realizar correções estéticas, pequenas ou não, que interfiram negativamente na vida da pessoa. (aluna 12)

Encontramos, nas autonarrativas, afirmações de que a busca por uma melhor aparência é uma cobrança de familiares e da sociedade. Há relatos de que a aparência é um dos critérios estabelecidos até mesmo para preencher uma vaga de emprego, para permanecer nela e também uma condição para o sucesso amoroso. Isso pode ser visto nos seguintes fragmentos:

[...] também por ser cobrado excessivamente por familiares e pela profissão que exerce. (aluno 3)

O problema das pessoas de hoje não está externamente e sim interiormente, mas muitos não percebem isso e tentam resolver a questão da maneira errada. Em vez de tratar da sua autoestima, confiança e da parte psicológica, afetada pelo bombardeio da mídia, mulheres e homens dilaceram, esticam, modificam de qualquer jeito seu corpo para se “encaixar” no que é visto como certo. (aluna 9)

Afinal, acredito que ninguém gosta de ser chamado de feio.[...] Posso afirmar que uma boa aparência ajuda muito em relacionamentos, tanto amorosos quanto amigáveis, porém é o que menos importa. (aluna 11)

[...] uma pessoa bonita e bem vestida tem uma melhor aceitação. (aluna 31)

Há os alunos que reconhecem a influência da mídia no sentido de padronizar o que é considerado bonito:

Hoje em dia a influência da mídia está destruindo e fazendo confusão em muitas vidas. Alguns ficam obcecados em seguir o padrão, a moda e a aparência dos famosos e sentem uma imposição da sociedade para isso. (aluna 9)

Propagandas, induções de comportamentos modificam a naturalidade das ações de cada um de nós. (aluna 14)

Cada vez mais as tendências de modelos e artistas famosas têm influenciado e povoado as mentes a imitá-las. (aluno 15)

Ao refletirem sobre fatos do cotidiano, os alunos começam a se posicionar de maneira mais subjetiva, emergindo valores e opiniões. Alguns deles consideram a

preocupação excessiva com a beleza como uma futilidade do ser humano, como uma distorção de valores:

Com certeza, em algum momento remoto na história da humanidade, as pessoas começaram a fazer julgamentos exteriores e esqueceram que, dentro do corpo, cada um de nós têm uma experiência, histórias para contar e pensamentos que, supostamente, deveriam ser livres de influências. (aluna 14)

A partir do texto, pude perceber de que forma muitas pessoas têm encarado a questão da beleza, o que acontece muitas vezes de uma maneira fútil. Nos dias atuais, a aparência tem se tornado motivo de estresse e preocupação para as pessoas de uma maneira assombrosa. (aluno 15)

O texto me remete aos exageros e a superficialidade da nossa sociedade, faz pensar no quão fúteis são os “valores” de algumas pessoas. (aluna 34)

Alguns relacionam à temática a personagens de TV e/ou a fatos reais:

Talvez meu vício na série de TV americana ‘Glee’ tenha passado dos limites. A única coisa em que consegui pensar durante a leitura da crônica “Caras Novas”, do ilustre Luis Fernando Verissimo, foi na busca de uma das principais personagens da série, Rachel Barry, para ter um nariz perfeito. (aluna 5)

[...] como o que ocorreu com o vocalista do LS Jack, Marcos Menna [...]. (aluno 17)

Um exemplo de significativa mudança é o cantor Michael Jackson que admite ter feito 3 cirurgias plásticas [...] (aluno 19)

A aluna 34 considera que, para não sofrer com o preconceito e a discriminação, que impera com aqueles que não se enquadram nas normas estipuladas, a maioria das pessoas acaba não querendo destoar dos padrões: “A cultura da diferença hoje é mais rara. São poucos os que gostam de ser ‘diferente’”. O aluno 2 reflete sobre isso, fazendo um questionamento: “será que não é um preço alto demais a ser pago”.

A aluna 14 indaga sobre a origem das regras impostas:

Rostos novos, corpos novos, mentes novas. A cada dia o cérebro humano é moldado um pouco mais. Propagandas, induções de comportamentos, modificam a naturalidade das ações de cada um de nós. Quem disse que ter um corpo esbelto com seios grandes é bonito? Quem disse que ter cabelos lisos e olhos claros torna uma pessoa melhor? E, principalmente, quem disse que o teu poder aquisitivo te torna superior? (aluna 14)

Essa mesma aluna questiona a adequação da máxima cartesiana “Penso, logo existo” para o mundo contemporâneo, uma vez que, para ela, a maior parte das pessoas segue as

normas estabelecidas por aqueles que criam essas normas de acordo com interesses pessoais e/ou econômicos:

Certa vez algum filósofo famoso disse que quem pensa, logo existe. Será essa a pura realidade? Poucos dos humanos ainda pensam, com seu cérebro e suas ideias (e são esses os que moldam os outros segundo seu comportamento). Graças ao avanço do capitalismo, as pessoas deixaram de reivindicar pelos seus direitos segundo suas próprias Constituições. (aluna 14)

A aluna 29 afirma que alterar exageradamente a aparência, através da cirurgia plástica, pode afetar o sistema psicológico da pessoa: “Na minha opinião o exagero, o extremo não faz bem as pessoas, buscar ser quem não é fisicamente acaba afetando o psicológico também.”.

A aluna 20 apresenta o tema numa perspectiva religiosa. Na sua concepção, a aparência física é um dom de Deus, não cabendo ao ser humano interferir: “Se Deus te fez assim, para que mudar? É exatamente esse tipo de pergunta que me vem em mente quando leio textos assim.”.

Diante da temática proposta, a aluna 9 lembra de fazer referência à questão social:

No nosso mundo individualista, há ainda outra situação complicada, a competição e a inveja entre os indivíduos. [...] Imagino agora quantos milhões, se não bilhões, já foram gastos nessa corrida desenfreada por um ideal de beleza. Quanto disso poderia ser usado para a preservação ambiental ou para saciar a fome dos menos favorecidos? Eu acho isso um absurdo. (aluna 9)

A leitura do texto literário oferece ao leitor “uma possibilidade da realidade ainda não pensada e ainda não consciente: uma nova possibilidade de ver, de falar, de pensar, de existir” (LARROSA, 2006, p. 126), problematizando a realidade e fazendo o leitor refletir. O sujeito se transforma cognitivamente e subjetivamente, pois conhecimento e subjetividade são inseparáveis. As reflexões que aparecem nas autonarrativas demonstram a reconfiguração do sujeito, uma nova forma de agir no mundo, como podemos ver em:

Este texto me influenciou na maneira de ver o Brasil. Porque eu achava que os estrangeiros vinham ao Brasil apenas para fazer aquelas reportagens falando muito mal do nosso país, mas agora eles precisam da ajuda dos nossos médicos para modificar seus rostos. (aluno 21)

O aluno 22 considera que a falta de conhecimento do contexto social e histórico dificulta a sua compreensão e interpretação do texto: “O texto cita nomes que não conheço como ‘Ronald Reagan’. Quem é esse? Essa foi a minha pergunta. Como não sabia quem era acabei ficando fora do contexto”.

A aluna 33, em sua autonarrativa, não aborda a temática presente no texto. Ela escreve sobre a importância que a leitura tem para ela:

Para mim o ato de ler é tudo de bom... Você ler e poder se sentir identificada com a história, se sentir parte da história é maravilhoso. Pra mim quando eu leio é quando eu reflito sobre a minha vida, é quando eu penso no passado, imagino o futuro e reflexiono sobre o momento presente. Poder estabelecer esse diálogo com o livro, concordando e discordando com seus pensamentos... [...] O pintor, o escritor quando desenham, escrevem tem a paixão por tentar passar ao interlocutor aquilo que ele pensa, sente, ama. (aluna 33)

Como podemos perceber através dos fragmentos transcritos, os sentidos da crônica de Luis Fernando Verissimo, na interação com o leitor, são ampliados. Além da abordagem do cronista sobre a temática presente no texto, os sujeitos investigados fazem outras considerações, tais como: a influência da mídia no que se refere ao padrão de beleza; os riscos à saúde que uma cirurgia plástica pode oferecer, podendo levar o paciente à morte; os casos provocados por acidentes que requerem cirurgias plásticas corretivas; a ideia de felicidade atrelada à aparência física; a concepção de que as mulheres são mais vaidosas que os homens; o gasto desnecessário de dinheiro relacionado à miséria social; as características da sociedade contemporânea: individualismo e competitividade.

Alguns consideram ainda que a cirurgia plástica é motivada por fragilidade psicológica, como baixa autoestima, sendo que a obsessão por cirurgias é vista como doença. Outros reconhecem na cirurgia plástica uma boa alternativa para melhorar a autoestima.

Após observar como o sujeito pesquisado se relaciona com a temática presente no texto, quais são os significados criados e de que forma são ampliados por esse sujeito, procuramos evidenciar *De que forma o aluno entende a ironia e o humor, recursos discursivos empregados pelo autor para expressar a posição crítica acerca da temática abordada na crônica?*

Consideramos que, para que o sujeito investigado expresse suas opiniões, vistas nos fragmentos já transcritos, ele precisa entender os recursos discursivos empregados pelo autor na construção do texto. Alguns alunos manifestam-se sobre esses recursos de forma direta. Reconhecem que o humor e a ironia presentes na crônica levam-nos a refletir sobre a temática abordada:

[...] é um texto em parte comediantes, alertando-nos para a realidade sobre as cirurgias plásticas, e que muitas delas acabam em funerais, por infelicidade dos cirurgiões. (aluno 2)

No início esta crônica é sem graça porém, em alguns momentos é engraçado devido as piadas. Que deixam o texto mais divertido, alegre e chamativo. (aluno 22)

[...] o texto causou alegria, pois tratou de situações onde uma pessoa fez tantas operações que o umbigo foi parar no queixo e outra pessoa mudou tanto a aparência que precisa mudar o passaporte por causa da foto, ou seja, casos que mostram até que ponto as pessoas chegam. (aluno 30)

A aluna 5 questiona se o humor poderia ser um recurso de linguagem mais poderoso que o drama, no sentido de promover a catarse no sujeito e reconfigurá-lo com mais intensidade:

[...] adorei a forma em que o autor apresentou o tema – criticando-o com leves pitadas de humor. Diferentemente do humor utilizado na série, que mostra o bullying em todas suas faces para conscientizar os telespectadores; Veríssimo procurou mostrar a situação da operação plástica de todos os modos possíveis, e mesmo inclinado a piadinhas e situações meio “estranhas”, deixou para que o leitor tirasse suas próprias conclusões. Pergunto-me se isso teria feito Rachel desistir mais depressa... (aluna 5)

Sabemos que, durante a leitura do texto literário, o leitor pode identificar-se com personagens e/ou situações ou ainda identificar outros na história lida, como é possível constatar no texto do aluno 3: “O texto retratou uma realidade do que ocorre em meu cotidiano e de todos, o uso e abuso de cirurgias plásticas.”

Por isso, verificar *Em que medida a história lida tem elementos da história real do leitor? O leitor se identifica com algum personagem? Como ele expressa essa identificação?* é também nossa intenção neste trabalho.

Conforme Petit (2009, p. 217), “a leitura engendra a fala, desencadeia o fio das associações, reativa uma atividade de simbolização, de narração. Permite colocar palavras em regiões dolorosas de si”. Nesse sentido, observamos que há alunos que relacionam a temática do texto a comportamentos de amigos e familiares, como pode ser visto no seguinte fragmento: “Talvez esse surto de cirurgia plástica tenha influenciado a minha mãe. Ela está incomodada com o nariz dela, o meu pai acha que ela é perfeita, eu acho que está tudo bem, também com a quantidade de plástica que ela já fez.” (aluna 4).

Outros se colocam frente à situação abordada, mas, ao contrário dos personagens do texto, afirmam não pensar em realizar cirurgias plásticas:

Acho que eu nunca faria uma cirurgia plástica. É um gasto e um risco desnecessário em minha opinião, para mudar muitas vezes uma parte de si que não tem problema algum. (aluna 9)

Eu, não faria uma cirurgia, mesmo não gostando de tal e tal parte do meu corpo, não é meu pensamento. (aluna 10)

Ao narrar suas experiências, crenças, valores e expectativas, o sujeito anuncia desejos, intenções, novas possibilidades. Nesse sentido, vimos que a fama e os bens materiais de Ivo Pitanguy, o mais renomado cirurgião plástico brasileiro, motiva o aluno 18 a seguir a mesma carreira do médico. Na sua autonarrativa, o poder aquisitivo aparece como decorrência da fama, através da relação entre o novo apresentado na crônica e seus conhecimentos sobre o profissional. É interessante observar que, para o aluno, “ser alguém” significa ser financeiramente bem sucedido:

Quando li este texto, não pensei em desgraças que aconteceram com as pessoas, depois de uma cirurgia plástica, mas sim em coisas materiais que Ivo Pitanguy devia possuir em ser tão famoso. Com isso me retratei sendo ele e o que eu poderia fazer com tanto dinheiro. Lembrei também de quando visitei a cidade de Angra dos Reis e vi a ilha que era só dele e isso me motivou a querer “ser alguém”. Também pensei em qual seria a sensação de produzir um vernissage. Acho que seria muito maravilhoso em ver seu próprio trabalho em lindas mulheres. (aluno 18)

Após essas considerações sobre a relação estabelecida entre o leitor e a temática abordada na crônica e sobre a interpretação do leitor no que diz respeito aos recursos discursivos empregados por Luis Fernando Verissimo, observamos nas autonarrativas *Como o leitor expressa as emoções que constituem o texto e como supera os sentimentos antagônicos experienciados, possibilitando a catarse?*

A aluna 5, ao relacionar a crônica *Caras novas* a um seriado americano, expressa a sua opinião a respeito do descontentamento de Lea Michelle, personagem do seriado, com seu nariz. A aluna faz referência a outros valores a ser considerados em uma pessoa, além da aparência física.

De origem judaica, a conturbada personagem, interpretada por Lea Michelle, cantora e atriz da Broadway, sofre por pensar que seu nariz é “um pouco maior” do que o da garota que namora Finn Hudson (interpretado por Cory Monteith), seu ex-namorado.

Acho que preciso comentar o quanto considero esse “sofrimento” fútil e desnecessário. A garota tem um grande talento e uma forte personalidade [...]. (aluna 5)

A aluna 14 amplia os significados do texto, no sentido de que reflete sobre a realidade que nos rodeia. Além das regras impostas, no que se refere à aparência física, chama atenção para outros aspectos da realidade que também trazem as marcas da manipulação, como o comportamento do ser humano, suas ações, desejos: “Ninguém pensou que acordar, tomar o café da manhã, trabalhar e voltar para casa todos os dias é manipulado... Até nossos desejos

mais profundos, como o desejo de ter uma relação estável ou tirar férias de verão na praia, são manipulados.”.

No fragmento, observamos a ideia de ausência de liberdade de agir no mundo, de ação sem reflexão, da qual o ser humano muitas vezes é vítima. Essa constatação leva a aluna a uma desesperança diante da realidade: “E quando nós pensamos que estamos agindo diferente da maioria, descobrimos que ainda estamos sendo manipulados. Então ... qual o objetivo de viver se a vida é apenas manipulação?”.

A menina questiona sobre o que fazer para alterar essa realidade que não a satisfaz. Ela mesma apresenta uma resposta desanimadora: “E para mudar tudo isso, como poderemos fazer? Só se a espécie humana for extinta e recomeçada de novo. E ainda assim, em algum lugar dessa nova era, o mesmo vai acontecer, pois ninguém vai estar lá para alertar. A vida é pura dependência ... de tudo.”.

A partir da reflexão dos comentários e fragmentos transcritos anteriormente, podemos verificar a coerência da teoria trabalhada nesta pesquisa à realidade em que estamos inseridos. O sujeito, ao organizar os fatos vividos por ele e relatá-los, toma consciência de si, num contínuo processo de reconfiguração.

5.2.2 Investigação das autonarrativas produzidas a partir da leitura mediada

Agora, a nossa pesquisa concentra-se nas autonarrativas produzidas pelos sujeitos investigados a partir da leitura mediada⁵ da crônica *Caras novas*, ou seja, com a intervenção/perturbação do grupo de colegas e da professora investigadora.

Partindo do princípio de que o leitor também significa o texto, “ler, no ambiente escolar, ter a presença do outro, estar diante da diferença implica aprender também com o outro” (CECHET, ANO, p. 78). Nessa prática, é importante aceitar as opiniões alheias, o que se constitui numa democracia do espaço coletivo.

Nessa etapa da pesquisa, solicitamos aos alunos a escrita de uma segunda autonarrativa a partir da leitura e discussão de ideias sobre a crônica *Caras novas*. Para o debate, procuramos criar um espaço de leitura, a fim de compartilharmos a construção de sentidos do texto, valorizando a experiência de leitura de cada sujeito.

Conforme Azevedo (2004),

⁵ O nosso trabalho não é sobre a leitura mediada, mesmo assim consideramos importante comparar as produções textuais dos sujeitos investigados que partem da leitura sem mediação e com mediação, a fim de verificar como os sujeitos se constituem numa prática e noutra.

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis (AZEVEDO, In: Souza, 2004, p. 40).

Durante a interação, observamos que a crônica selecionada mobiliza o grupo implicado na pesquisa. Como ela traz um tema polêmico e profundamente atual, a maioria dos participantes faz comentário oral, apresentando vários pontos de vista a respeito do assunto, tais como: conceito subjetivo de beleza, a ideia de que o ser humano está sendo comparado a objeto, o preconceito e a discriminação impostos e disseminados pela sociedade.

Há uma nítida integração entre o grupo. À medida que um participante aborda um aspecto referente ao tema, outro o ilustra com um exemplo, oriundo da mídia ou da própria família. Percebemos que alguns alunos mudam de opinião durante o debate com o grupo; outros, ao contrário, buscam novos argumentos sobre o tema, para defender veementemente seu ponto de vista. Esse diálogo entre os posicionamentos defendidos é responsável por colocar o pensamento em movimento, possibilitando novas configurações dos sujeitos envolvidos.

A maioria dos participantes posiciona-se contra o uso de cirurgia plástica para fins exclusivamente estéticos, salientando que a nossa sociedade precisa valorizar mais a essência do ser humano, não se deixando influenciar tanto pelos padrões físicos e comportamentais impostos pela sociedade de consumo.

Após o debate, os alunos escrevem suas autonarrativas, que se constituem em recurso valioso para a reflexão sobre a formação da subjetividade do sujeito. Selecionamos dois marcadores - a *complexificação* e a *autopoiesis* - para descrever e discutir os dados gerados a partir da produção textual dos alunos, ou seja, para pensarmos sobre as relações/interações que os sujeitos fazem ao se narrarem (atribuírem significados a si mesmos).

Encontramos, nas autonarrativas produzidas a partir da leitura mediada, algumas relações feitas pelos sujeitos no processo de construção de si. Essas relações fazem parte do processo de *complexificação* vivenciado pelo sujeito: a relação entre padrão de beleza e sociedade, vaidade, amor correspondido, personagens fictícios, realidade:

Na atualidade a busca pela perfeição humana aumenta a cada dia, onde a sociedade exige um certo padrão de beleza. Existe um certo vício de vaidade em que as pessoas procuram a cada dia estarem mais bonitas e mais perfeitas para poderem pertencer a certos grupos. (aluno 1)

[...] muitas mulheres fazem cirurgias para agradar os homens e vice-versa, por acharem-se feios e terem medo de não ter um amor correspondido [...]. (aluno 2)

Esses acontecimentos são cada vez mais frequentes em nossa sociedade atualmente. (aluno 3)

Após a leitura oral da crônica, percebi o quanto esse assunto pode ser exemplificado e desviado para semelhantes. Não apenas Rachel de Glee, ou os personagens na crônica, mas muitas pessoas reais sofrem por essa “pressão para serem perfeitos por uma sociedade que nem perfeita é. (aluna 5)

Os casos reais lembrados, muitas vezes, remetem a personalidades em evidência na mídia: “Um dos exemplos mais conhecidos é o exemplo da cantora americana Demi Lovato – que, de certa forma, por seu talento e insegurança, me lembra Rachel Berry – começou a se auto-mutilar por acreditar ter problema com seu peso [...]” (aluna 5).

O aluno 15 confere a Deus a responsabilidade pela aparência física do ser humano: “Cada um é como nasceu, e cabe a cada pessoa agradecer a Deus pela sua aparência, não importando a aprovação ou reprovação dos outros.”.

A partir da interação entre texto, grupo de debate e leitor, este vai fazendo relações que possibilitam atribuir significados a si mesmo, num permanente processo de reconfiguração, o que constitui a *autopoiesis*.

Ao se expressarem em primeira pessoa, os sujeitos investigados apresentam sentimentos, valores, opiniões, demonstrando senso crítico:

[...] em minha opinião pode sim existir amor verdadeiro, e as pessoas se apaixonarem, não pelo físico, a parte exterior das pessoas, mas sim pelo seu interior, pelos bons sentimentos que essa pessoa têm e pelo seu caráter, que em contradição ao que elas pensam, não importa a mulher ser relativamente feia, por olhares exteriores, mas o que importa é a parte de dentro. (aluno 2)

O ser humano está se tornando mercadoria. Essa situação é exemplificada pelo fato de que ele está fazendo cirurgias a fim de modificar sua feição. (aluno 3)

[...] percebi que podemos ser perfeitos, mas os outros não vão achar isso, sempre acham defeitos. O problema é que vivendo em sociedade sempre ligamos para o que os outros acham, assim sempre queremos nos modificar. (aluna 4)

Quando o aluno 2 diz “não importa a mulher ser relativamente feia, por olhares exteriores, mas o que importa é a parte de dentro”, percebemos que ele se coloca na situação de homem para quem a beleza física não é o mais importante numa relação afetiva, e sim o caráter.

No fragmento abaixo, a aluna 4 estabelece uma relação com a mãe. Ela tem necessidade em dizer que não se preocupa com a aparência, assim como a sua genitora:

Percebi que minha mãe só se importa com o que os outros pensam, já eu sou diferente, eu não ligo com que os outros pensam, eu estou bem como eu sou. O Jake é perfeito mas acho que é muito para mim, espero que seja feliz, com quem for. (aluna 4)

No entanto, a menina parece contraditória quando faz a afirmação de que o rapaz, Jake, é perfeito e, por isso “demais” para ela. Perfeito em que sentido? Segundo quais padrões? Será que ela não se preocupa mesmo com as opiniões alheias? Talvez esse seja um caso de baixa autoestima.

A aluna 6 apresenta em seu texto uma ideia bastante discutida durante o debate: a subjetividade do conceito de beleza: “Beleza é muito subjetivo, quem é bonito para mim talvez não seja para você.”.

Apesar de afirmações “politicamente corretas”, tanto a aluna 6 quanto a aluna 11 demonstram valorizar a aparência física:

Mas eu concordo que a beleza é muito importante, é como uma porta de entrada, mas não é tudo. O importante é a personalidade da pessoa e as individualidades de cada um, é isso o que realmente faz a diferença. (aluna 6)

[...] a beleza não é “tudo”, por mais que ela seja fundamental de forma subjetiva para alguns aspectos. (aluna 11)

Os alunos 8 e 12 mantêm firmemente sua opinião a respeito da temática proposta em *Caras novas*, posicionando-se contra a crítica expressa pelo autor da crônica lida:

O erro dos seres humanos desde os tempos remotos é a insistência em opinar na vida das outras pessoas. A pessoa que cansa da sua imagem tem o direito de mudá-la com o consentimento ou não de terceiros. (aluno 8)

No meu ponto de vista, a cirurgia plástica é válida para aumentar a autoestima de um indivíduo e torná-lo mais feliz. (aluna 12)

A aluna 12 apresenta a adolescência como uma fase em que a opinião de outras pessoas tem bastante importância:

Algumas pessoas bem resolvidas aceitam-se do jeito que são. Outras, digamos que em um nível mais “inferior”, precisam se sentir aceita pelos outros para se aceitarem.

Esse fato é muito comum, principalmente na adolescência, onde estamos mais “fragilizados”. (aluna 12)

Os alunos 13, 30 e 32 tratam do preconceito e da discriminação impostos pela sociedade, da qual fazemos parte:

Nós mesmos muitas vezes, involuntariamente ou voluntariamente julgamos as pessoas pelas suas aparências, pela maneira de se vestir. (aluna 13)

[...] muitas pessoas optam pela operação porque sua aparência é motivo de piada para outras pessoas, ou seja, o problema não é a própria pessoa que se acha feia, é a sociedade que a define feia por não estar dentro do padrão de beleza. (aluno 30)

Se as pessoas não obedecerem ao padrão estipulado pela sociedade, são excluídas de todas as formas pela grande maioria. (aluno 32)

A aluna 9 utiliza-se de metáforas para dizer o que pensa, tornando possível observar como o sujeito da pesquisa desenvolve a sua capacidade simbólica ao produzir significado: pessoa/livro, aparência física/capa, essência/conteúdo, agir no mundo/escrever as páginas de seu próprio livro:

As pessoas estão julgando o livro somente pela capa, sem nem sequer dar uma olhadinha no conteúdo e sem se preocupar em escrever as páginas de seu próprio livro. A inversão de valores é tão grande que hoje se alguém está com problemas de auto-estima, é indicado um cirurgião plástico e não um psicólogo. (aluna 9)

Podemos observar, no fragmento a seguir, a rememoração possibilitando a catarse, ou seja, a purificação dos sentimentos:

Após a discussão lembrei da minha infância, aquelas pessimas lembranças, lembrei da minha vontade de deixar de ser “gordinho” e ficar no padrão de antigamente agora já não penso nisso percebi que o que penso de mim reflete no pensamento dos outros sobre mim. Percebi que mudar meu corpo não adiantara muito pois o que vale sou eu e minha consciência. (aluno 16)

O aluno 23 considera as mulheres vaidosas, opinião culturalmente construída: “As mulheres em geral querem mudar algo que é natural, tornando-se um tanto artificial, pensam mais em parecer do que ser.”.

A aluna 31 propõe ao ser humano o resgate de valores que vêm sendo perdidos pela nossa sociedade de consumo:

Acredito que as pessoas tem que parar de se importar com o seu físico e quer torna-lo mais bonito, mas sim com o seu interior, que a beleza da pessoa se dá pela sua simpátia, pelos seus valores. As pessoas tem que procurar uma melhora de espirito para se sentir bem e completo, porque não adianta um corpo perfeito, se não ter uma mente completa. (aluna 31)

A aluna 33 encara a beleza como produto a ser comprado e consumido: “Acabou a beleza por natureza. Hoje em dia quem quer ser bonito é. Você paga pra não ser você mesmo.”.

A aluna 34 apresenta um perfil da sociedade moderna: “A ideia do texto é mostrar a superficialidade da sociedade moderna. Como há pessoas que tem a mente fraca e se deixam levar por coisas impostas pela mídia e pela sociedade.”.

A aluna 5 sugere que o texto literário trabalhado em sala de aula sirva para reflexão: “Que a crônica sirva de aviso aos inseguros assim como Rachel e tantos outros, e não cheguem ao ponto de precisar entrar em uma clínica de reabilitação.”.

Como vimos, a mediação da leitura literária em sala de aula não deve servir para direcionar o sentido do texto, mas para partilhar experiências, enriquecer o contato do leitor com o texto, oferecer-lhe recursos para a vivência estética.

5.2.3 Relação das autonarrativas produzidas a partir da leitura não mediada e da leitura mediada

Primeiramente, procuramos descrever e discutir as autonarrativas produzidas a partir da leitura não mediada com base nas questões e nos marcadores definidos para essa etapa. Demos o mesmo tratamento para as autonarrativas produzidas após a mediação do grupo. Após, relacionamos o conteúdo narrado pelo aluno na primeira e na segunda produção textual, a fim de verificar em que medida as subjetividades se manifestam a partir de um e de outro elemento mobilizador.

Os textos produzidos pelos sujeitos investigados possibilitam-nos pensar em como as experiências são rememoradas e narradas. Ao relacionarmos as autonarrativas, vimos que, na produção textual 1, os alunos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9,10,11, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 30, 31 e 34 criticam a preocupação exagerada das pessoas com a aparência física, seguindo a proposta da crônica.

Na produção textual 2, desse grupo, os alunos 1, 2, 3, 4, 5, 9, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 30, 31 e 34 mantêm a crítica à preocupação exagerada com a aparência física, apresentando novos enfoques para o tema:

[...] a sociedade exige um certo padrão de beleza.
[...] para poderem pertencer a certos grupos. (aluno 1)

[...] muitas mulheres fazem cirurgias para agradar os homens e vice-versa, por acharem-se feios e não ter um amor correspondido, mas em minha opinião pode sim existir amor verdadeiro, e as pessoas se apaixonarem, não pelo físico, a parte exterior das pessoas, mas sim pelo seu interior, pelos bons sentimentos que essa pessoa tem e pelo seu caráter, que em contradição ao que eles pensam, não importa a mulher ser relativamente feia, por olhares exteriores, mas o que importa é a parte de dentro. (aluno 2)

O ser humano está se tornando mercadoria. (aluno 3)

O problema é que vivendo em sociedade, só ligamos para o que os outros acham, assim sempre queremos nos modificar. (aluno 4)

Não apenas Rachel, de Glee, ou os personagens na crônica, mas muitas pessoas reais sofrem por essa “pressão para serem perfeitos” por uma sociedade que nem perfeita é.

Um dos exemplos mais conhecidos é o da cantora americana Demi Lovato [...] (aluno 5)

As pessoas estão julgando o livro somente pela capa, sem nem sequer dar uma olhadinha no conteúdo e sem se preocupar em escrever as páginas de seu próprio livro. [...]

Nós estamos nos tornando objetos [...] (aluno 9)

Após a discussão lembrei da minha infância, aquelas pessimas lembranças, lembrei da minha vontade de deixar de ser “gordinho” e ficar no padrão de antigamente agora não penso mais nisso percebi que o que penso de mim reflete no pensamento dos outros sobre mim. Percebi que mudar meu corpo não adiantara muito, pois o que vale sou eu e minha consciência. (aluno 16)

A sociedade em geral é preconceituosa diante a homens bonitos com mulheres feias e vice-versa. (aluno 23)

[...] o problema não é a própria pessoa que se acha feia, é a sociedade que a define feia por não estar dentro do padrão de beleza. (aluno 30)

Acredito que as pessoas tem de parar de se importar com o seu físico e quer torna-lo mais bonito, mas sim com o seu interior, que a beleza da pessoa se dá pela sua simpátia, pelos seus valores. As pessoas tem que melhorar uma melhora de espirito para se sentir bem e completo, por que não adianta um corpo perfeito, se não tiver uma mente completa. (aluno 31)

Já, nos textos dos alunos 6 e 10, a crítica ao uso exagerado de cirurgia plástica não aparece mais de forma direta. O aluno 6 amplia suas ideias:

Beleza é muito subjetivo, quem é bonito para mim talvez não seja para você. Mas eu concordo que a beleza é muito importante, é como uma porta de entrada, mas não é tudo. O importante é a personalidade da pessoa e as individualidades de cada um, é isso o que realmente faz a diferença. (aluno 6)

O aluno 19 modifica sua opinião:

O importante, a aparência são parametros pelos quais as pessoas se importam. A beleza é vista como simpática, todos querem ser vistos como parametros de beleza. (aluno 19)

Os alunos 24 e 25 tratam do debate e não da temática da crônica:

Após a discussão, algumas de nossas ideias mudam, pois podemos expor elas às pessoas, concordando a respeito de alguns pontos de vista. Ao fazer isso, abrangemos maior parte do assunto tratado no texto, compreendendo melhor sobre o que o autor dele quis dizer. (aluno 24)

Ao refletir depois da discussão, as ideias mudaram o seu rumo pela apresentação dos fatos por vários pontos de vista, concordando com algumas coisas e aprendendo mais sobre a verdadeira idéia da cronica. (aluno 25)

Na autonarrativa 1, para os alunos 8, 12, 13, as pessoas devem ter liberdade de escolha. Na autonarrativa 2, os alunos 8 e 12 mantêm a mesma opinião, ampliando suas ideias:

O erro dos seres humanos desde os tempos remotos é a insistência em opinar na vida das outras pessoas. (aluno 8)

Continuo achando que a cirurgia plástica pode ser muito importante para a obtenção de um bem-estar com a aparência. Porém é dever de cada um refletir se é realmente necessário deixar de ser o que é para agradar os outros. (aluno 12)

Já a aluna 13 altera seu posicionamento, afirmando que as pessoas devem se contentar com sua aparência: “Nós mesmos muitas vezes, involuntariamente ou voluntariamente, julgamos as pessoas pelas suas aparências, pela maneira de se vestir. [...] nos esquecemos que o que realmente importa é o interior.”.

Na autonarrativa 1, o aluno 18 refere-se ao sucesso profissional de Ivo Pitanguy. O estudante deseja ser famoso e rico, como o profissional mencionado. Na autonarrativa 2, ele modifica o discurso, enfocando de forma direta o tema tratado na crônica: “Penso que a pessoa que ama mesmo uma pessoa acha ela perfeita do jeito que ela é, sem precisar de cirurgias plásticas, porém existem pessoas que são vaidosas e nunca estão satisfeitas com sua aparência.”.

O aluno 22, na autonarrativa 1, afirma que, por falta de interesse quanto ao assunto tratado e de conhecimentos contextuais, o texto não é significativo para ele. No entanto, após a discussão de ideias, na autonarrativa 2, expressa que o debate o ajuda a entender a ideia da crônica: “Percebi que as pessoas se importam muito com a aparência, realizam 17 operações e ainda se olham feias.”.

Na autonarrativa 1, os alunos 27, 28 e 29 reconhecem os aspectos positivos e negativos da cirurgia plástica. Na autonarrativa 2, os alunos 28 e 29 mantêm o discurso, sendo que o sujeito 28 amplia suas ideias: “Nós colocamos padrões de beleza e quando alguém não as segue são vistas de forma diferente.”.

Já a aluna 27 procura justificar o uso de tal procedimento cirúrgico: “Muitas pessoas acabam fazendo cirurgia plástica por causa das críticas recebidas dos outros. [...] Para seguir o padrão que a mídia impõe.”.

Na autonarrativa 1, o aluno 32 apresenta a sociedade como responsável pelos exageros cometidos em prol da beleza física, mantendo o mesmo discurso na autonarrativa 2.

A aluna 33, na autonarrativa 1, refere-se à importância da leitura, e não à temática da crônica. Após o debate, esse aluno trata diretamente da temática da crônica: “A sociedade

atual tem um padrão de beleza. Se você está diferente desse padrão, você tá excluído. [...] Acabou a beleza por natureza. Hoje em dia quem quer ser bonito é. Você paga pra não ser você mesmo.”.

Apesar de as autonarrativas sem mediação e com mediação terem sido escritas pela mesma pessoa, a partir do mesmo texto literário, elas não são iguais. Podem até apresentar o mesmo posicionamento diante da temática abordada; no entanto, trazem novos elementos para discussão. No fragmento abaixo, o aluno 25 explicita essa ideia: “Ao refletir depois da discussão, as ideias mudaram o seu rumo pela apresentação dos fatos por vários pontos de vista, concordando com algumas coisas e aprendendo mais sobre a verdadeira idéia da crônica.”

Como podemos observar nas autonarrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa, em geral, tanto a partir da leitura não mediada como da mediada, os alunos expressam valores, opiniões e senso crítico. Consideramos esse fato extremamente importante, uma vez que revela a autonomia do sujeito leitor diante do texto, característica tão desejada por nós, educadores.

Acreditamos que essa autonomia do leitor diante do texto é construída através de significativas experiências de leitura. Por isso, consideramos importante a presença de um mediador consciente dos processos de produção de sentido inerentes à leitura do texto literário. Na nossa sociedade, na maioria das vezes, esse mediador é o professor, a quem cabe selecionar os textos a serem lidos, motivar e instrumentalizar o aluno para a efetiva prática da leitura. Para isso, a sala de aula precisa constituir-se num espaço de liberdade, onde sejam privilegiados o diálogo, o respeito, a valorização das singularidades e, ao mesmo tempo, da multiplicidade de vozes. Nesse sentido, Cosson (2006) explica que:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. [...] É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo [...] Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo [...] o bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo (COSSON, 2006, p. 27).

Creemos que, através da descrição, interpretação e discussão das autonarrativas desenvolvidas pelos sujeitos investigados nesta pesquisa, é possível confirmar a ideia de que o texto literário pode ser considerado um dispositivo perturbador que mobiliza o leitor para

mudanças internas, ou seja, possibilita um contínuo processo de novas configurações do sujeito, contribuindo para a sua formação integral.

Consideramos que atividades com o texto literário, tais como as propostas neste trabalho de pesquisa - leitura da crônica *Caras novas* de Luis Fernando Verissimo, debate e produção de autonarrativas – possibilitam aos alunos organizarem e ordenarem os acontecimentos da sua existência no tempo e no espaço, construindo sua história, na medida em que podem atribuir significados às experiências vividas e narradas. Dessa forma, os sujeitos estabelecem diversas relações, complexificam sua escrita, num processo autopoietico, transformando-se subjetivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como professores de língua e literatura, temos a preocupação de que as vivências estéticas não sejam feitas aleatoriamente, mas que se constituam numa prática consciente e reflexiva. Para tanto, consideramos importante educar para o sentimento estético, para os fenômenos e fatos literários. Por isso, iniciamos esta pesquisa com o objetivo de explicitar os processos de construção de sentido que envolvem a crônica literária e seu significado para a formação da subjetividade do leitor, na sociedade contemporânea.

Visando realizar a nossa intenção, pesquisamos autores que tratam do texto literário, do leitor e da produção de subjetividade. Estudamos a evolução e as características da crônica literária. Além disso, procedemos a uma investigação com alunos de 1º ano do ensino médio do Colégio Militar de Santa Maria-RS, através de autonarrativas escritas a partir da crônica *Caras novas*, do cronista contemporâneo Luis Fernando Verissimo.

O nosso trabalho está em consonância com a perspectiva autopoietica, segundo a qual os seres humanos são seres autônomos e auto-organizadores, que estão em contínua produção de si mesmos, através da interação com o meio, que age como elemento perturbador para desencadear mudanças internas. Nesse sentido, a leitura narrativa desperta a consciência; já a escrita promove um autoconhecimento, mantendo o sujeito atualizado sobre si mesmo.

Com base nos teóricos estudados, é possível confirmar nosso ponto de vista acerca da importância da literatura, como arte que é. Através da experiência subjetiva proporcionada por ela, ou seja, da interação entre o texto literário e as narrativas que vem recebendo ao longo de sua vida, o sujeito vivencia um processo contínuo de configuração/reconfiguração de si mesmo. Desse modo, a literatura apresenta-se como um espaço do exercício da liberdade, pois ela questiona os modelos pré-estabelecidos, levando o ser à reflexão, à crítica e, conseqüentemente, à transformação.

Um aspecto importante a ressaltar é o fato de que os textos literários apenas iniciam as representações de significado, não os formulando por si mesmos, uma vez que apresentam uma dimensão plurissignificativa, que possibilita a criação de diversas relações de sentido, ampliando a percepção da realidade.

Desse modo, entendemos a leitura do texto literário como uma atividade complexa, já que o prazer artístico exige uma elevada atividade psíquica, sobre a qual pretendemos compreender para tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz.

Vimos que a obra de arte está organizada e construída de tal forma que promove no organismo um tipo de reação diferente do que habitualmente ocorre. Diante dela, o receptor não é um ser passivo. Muito pelo contrário, na experiência com a arte, ele passa por três momentos: pela estimulação (que ocorre no contato com a obra), pela elaboração (a interação do sujeito com a obra desperta sua imaginação criativa) e pela resposta (que surge dos sentimentos que a obra de arte provoca no receptor). Daí resulta o texto virtual (texto oral e/ou escrito produzido pelo sujeito a partir de uma perturbação externa, ou seja, de um texto real), pois cada indivíduo, ao tomar consciência de si mesmo, sofre uma mudança, passando a sentir a necessidade de reescrever a sua própria história. Assim, a construção de sentido do texto literário acontece com a atitude ativa do leitor.

No processo formador de subjetividade, comunicam-se o individual e o coletivo, numa interação entre o sentido e o sentimento. O professor/mediador pode ajudar o aluno/leitor a posicionar-se diante do texto, valorizando-o como um ser que pensa e produz conhecimento e subjetividade, numa dimensão autopoietica.

Nesse sentido, tratamos a crônica literária como um dispositivo que mobiliza os sujeitos para novas atualizações de si. Nesse gênero literário, os fatos são narrados de forma pessoal e subjetiva, caracterizando-se como um texto curto, com linguagem simples, que apresenta temáticas cotidianas, experiências do homem comum mostradas por outros ângulos, com humor e ironia. Ao mesmo tempo em que diverte, entretém o leitor, possibilita uma reflexão crítica acerca da vida e dos comportamentos humanos, tornando-se um espaço de leitura da sociedade.

A partir do texto *Caras novas*, de Luis Fernando Verissimo, realizamos atividades de leitura não mediada e de leitura mediada. A primeira exige um leitor maduro, com senso crítico aguçado; a segunda permite a interação entre as diversas manifestações do grupo, podendo desencadear outros elementos não pensados na leitura silenciosa e individual, pois ler, na presença do outro, conviver com as diferenças, implica aprender também com o outro. Nesse contexto dialógico, em que o pensamento está em movimento, a valorização das experiências narrativas de todos os envolvidos deve estar sempre presente, para que possam emergir novas configurações do sujeito.

Do ponto de vista pedagógico, tanto a leitura não mediada como a leitura mediada são importantes, porque o diálogo individual e/ou com o outro pode levar o leitor a construir o seu texto virtual, reconhecido como um elemento catártico de fundamental importância para promover a formação integral do sujeito.

No que diz respeito à produção de autonarrativas (texto virtual), a partir do texto literário, consideramos apropriado incorporar essa prática no contexto escolar, pois entendemos que essa ferramenta provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros, sendo uma importante estratégia formadora da consciência, numa perspectiva libertária e emancipadora.

Desse modo, as autonarrativas constituem-se numa excelente prática pedagógica, uma vez que auxiliam tanto o professor/mediador quanto o aluno/leitor. Essa ferramenta possibilita-nos pensar como as experiências dos sujeitos são rememoradas e narradas, auxiliando o profissional na sua necessária e importante reconfiguração, enquanto ser comprometido com a educação. Acreditamos que conhecer os alunos/leitores facilita e melhora o trabalho desenvolvido pelo professor/mediador.

No que se refere ao aluno/leitor, entendemos que a pessoa, ao organizar os fatos vividos e relatá-los, toma consciência de si, num contínuo processo de reconfiguração. A partir dessa ideia, observamos que as autonarrativas produzidas pelos sujeitos investigados revelam novas atualizações de si, uma nova forma de agir no mundo, uma vez que eles relacionam o conteúdo presente na crônica a seus valores e opiniões, havendo reflexão a partir do contato com o texto literário. Eles expressam suas ideias, posicionam-se de maneira subjetiva em relação ao tema e ampliam os sentidos do texto, demonstrando autonomia, em coerência com a teoria trabalhada nesta pesquisa.

Salientamos que, mais do que o produto das autonarrativas, o importante é o processo de produção pelo qual vivem os sujeitos da pesquisa. Ao promover uma reflexão de si, na relação com o outro e com o mundo, essa prática abre um campo fecundo para a problematização de como os educandos se constituem (se narram), ajudando-os a produzir novos significados para si e para o coletivo, a compor/construir a sua própria história na medida em que são narradores e atores de seus textos.

Para formar leitores eficientes e cidadãos críticos, essas práticas de leitura devem ser constantemente incentivadas, não apenas pela escola, mas por todos os envolvidos no processo educativo, através de textos que enriqueçam as experiências do leitor, promovam a sua sensibilidade, ampliando a sua condição humana. No caso dos mediadores de leitura, entendemos que devem ser pessoas conscientes dos processos de construção de sentido que envolvem a leitura do texto literário, a fim de que, entre outros fatores, ao abordarem esses textos, entendam e evidenciem a sua complexidade.

Como dissemos no início deste trabalho, tudo o que diz respeito à formação do ser humano precisa ser constantemente repensado. Por isso, consideramos os aspectos

enfocados nesta pesquisa extremamente importantes para a reflexão daqueles que têm interesse pela educação, no sentido de que podem servir como elementos norteadores do trabalho com o texto literário, oportunizando ao aluno desenvolver-se integralmente e ser um agente de transformação de si e do mundo que o cerca.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera T. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 26-41, dez, 2007.
- ALMEIDA, Leonardo P. *Literatura e subjetividade: reflexões sobre a linguagem e o exercício da liberdade*. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14418.pdf>. Acesso em 02/06/2010.
- ARRIGUCCI Jr., David. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.
- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Editora Martin Claret, 2007.
- ASSIS, Machado de. O homem que briga lá fora. In: *Obra completa*. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 37/47.
- BENDER, Flora. Teoria. In: BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Editora Scipione, 1993, p. 41-77.
- BORDINI, Maria G. *Um cronista das arábias*. 2008. Disponível em <http://www.literal.com.br/artigos/viciadosemluisfernandoverissimo>. Acesso em 30/10/2011.
- BRUNER, Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. Tradução Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CABEDA, Sonia T. L. A ilusão do corpo perfeito: o discurso médico na mídia. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. L.; PREHN, Denise R. *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 149-172.
- CADORE, Luís Agostinho. *Curso prático de português*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- CÂNDIDO, Antônio. *Direitos humanos e literatura*. Disponível em http://www.dhnet.org/direitos/textos/textos_dh/literatura.html. Acesso em 03/03/2010.
- CECHET, Claudete. *Leitura: entre a teoria e a experiência*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de concentração em Leitura e Cognição – Santa Cruz do Sul, abril de 2010. Disponível em <http://WWW.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/dissertacoes/2007/claudecechet.pdf>. Acesso em 12/06/2011.
- CONNELLY, F.M.; CLANDININ, D. J.. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, Jorge (Org.). *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995, p.11/59.
- COSSON. Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

- COUTINHO, Afrânio. *Antologia brasileira de literatura*. 1967, v. 3.
- CUNHA, Maria I. *Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. Rev.Fac.Educ., jan/dez 1997, v.23, n 1-2.
- ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. *Sobre a literatura*. 2ª. ed. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- D'ONÓFRIO, Salvatore. *Elementos estruturais da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, Sandra. A poesia do perecível. In: *Jornal Proleitura*. UNESP: Ano 5. n. 20, junho de 1998.
- FERRER, Virgínia C. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, Jorge (Org.). *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995, p. 165-190.
- FIORIN, José L.; SAVIOLI, Francisco P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 5ª edição. Editora Ática: São Paulo, 1997.
- GAI, Eunice T.P. *A ideia de permanência no mundo em perspectiva irônica*. Disponível em <http://www.geocities.com>. Acesso em 16/08/2011.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- KIERKEGAARD. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LAURITO, Ilka. História. In: BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Editora Scipione, 1993, p. 09-40.
- LESKY, Albin. *A tragédia grega*. 2ª ed. Tradução de J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Editora: EPU, 1986.
- MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MASINA, Léa. Quando o olhar acende as cores e dá forma às coisas. In: MASINA, Léa; CARDONI, Vera (Org.) *Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002, p. 50-55.

MATURANA, H.; VARELA, F. *El árbol del conocimiento*. Santiago, Universitária, 1990.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1978.

MUECKE, D.C. *Ironia e irônico*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NÓBLEGA, Jorge G. *Cultura, currículo e histórias de adultos/as*. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/24/T1859537340569.doc>. Acesso em 05/08/2010.

OLMI, Alba. Leitura, literatura e ciências cognitivas: uma aliança difícil mas necessária. In: OLMI, Alba; PERKOSKI, Norberto (Org.). *Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p. 23-50.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A incompletude do sujeito*. In: *Sujeito e texto*. Série Cadernos PUC-31, EDUC, 1988.

PELLANDA, Nize M. C. *Leitura e complexificação*. In: 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2007.

PELLANDA, Nize M. C.; REIS, Carine I. *Autonarrativas e leitura: o uso dos blogs e hipertexto como dispositivo cognitivo/afetivo*. Disponível em http://www.unisc.br/portal/images/stories/.../ii/auto_narrativas_blogs.pdf. Acesso em 05/07/2011.

PEREIRA JR., Luiz Costa. *Luis Fernando Verissimo: a fina expressão da ironia*. 2005. Disponível em <http://www.revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10953>. Acesso em 08/10/2011.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Ed. Calandra, 2004.

PERROT, Philippe. *Le travail des apparences ou les transformations du corps féminin, XVIII-XIX*. Paris: Seuil, 1984.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PINTO, Manuel C. (Org.) *Antologia de crônicas: crônica brasileira contemporânea*. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

_____. A armadilha borgeana de Verissimo. In: *Cult45*, São Paulo: 2001, p. 08-09.

REY, Fernando G. *Sujeito e subjetividade: uma proximidade histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomon Leraning, 2003.

SCHNEIDER, Claécio Ivan. *Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?* Disponível em http://www.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos/cronica_jornalistica.pdf. Acesso em 01/12/2010.

SCHOLZE, Lia. *Por uma pedagogia da leitura e da escrita*. Revista *Entrelinhas*, ano III, nº 1, jan/jun 2006.

VERISSIMO, Luis Fernando. Caras novas. In: PINTO, Manuel da Costa (Org.) *Antologia de crônicas: crônica brasileira contemporânea*. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2005, p. 120-123.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Psicologia pedagógica*. 2ª ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA E COGNIÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – UNISC

1 – Relevância e Objetivos da Pesquisa

A pesquisa de mestrado intitulada “A CRÔNICA NARRATIVA, O LEITOR E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA” tem por objetivo contribuir para a pesquisa e reflexão sobre a prática pedagógica na sociedade contemporânea.

O processo que ocorre no contato entre leitor e texto narrativo foi escolhido como objeto de estudo, pela possibilidade que tem de desencadear a produção de subjetividade, de extrema relevância para a formação do sujeito social, principalmente na sociedade fragmentada em que vivemos.

A recepção da obra de arte constitui uma atividade complexa, que vai muito além do que a prática escolar tem disseminado. O prazer artístico requer uma elevada atividade psíquica, a qual pretendemos compreender para tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz.

As práticas de leitura proporcionadas ao aluno pela escola, na maioria das vezes, são feitas de forma aleatória, sem a devida compreensão do processo que se estabelece entre texto e leitor durante essa atividade, principalmente no que se refere à produção de subjetividade, inerente à experiência estética. Com base nessa afirmação, um problema que se coloca nesta pesquisa é: quais são os elementos presentes na crônica narrativa que afetam o leitor e o que isso significa para a formação de sua subjetividade, na sociedade contemporânea?

Muito além disso, ela pode possibilitar um esboço de soluções, produzindo assim um efeito catártico. Nesse sentido, para este trabalho, um dos principais fundamentos a ser explorado é o clássico conceito de *catarse*, fenômeno de purgação, purificação dos sentimentos que acreditamos seja possível ocorrer através do contato com a arte, mais especificamente, com o texto literário.

Nesse processo de produção de subjetividades, a leitura e a escrita são fundamentais. A leitura narrativa desperta a consciência, transforma continuamente; já a escrita promove um autoconhecimento, mantendo o indivíduo atualizado sobre si mesmo.

No que diz respeito à produção de autonarrativas (texto virtual) a partir de texto literário, consideramos de extrema importância incorporar essa prática no contexto escolar, pois, ao promover uma reflexão de si, na relação com o outro e com o mundo, abre-se um campo fecundo para a problematização de como os educandos se constituem (se narram), ajudando-os a produzir novos significados para si e para o coletivo, a compor/construir a sua própria história na medida em que eles são os narradores de seus textos.

Neste estudo, levaremos em conta os aspectos tratados anteriormente, para investigar as formas subjetivas que se efetivam no processo de leitura e se expressam nas autonarrativas, procurando entender as representações discursivas dos sujeitos da pesquisa. Através de uma abordagem que veja como central o papel do discurso nas novas configurações sociais, as autonarrativas serão problematizadas a partir de duas crônicas, previamente selecionadas, com temáticas que perpassam nossas vidas cotidianamente.

Optamos por selecionar textos contemporâneos, por considerarmos coerente com a proposta de analisar a produção de subjetividades de nossos sujeitos da pesquisa. Já a escolha pela crônica justifica-se porque acreditamos, através da nossa experiência, que o texto narrativo, mais especificamente a crônica, atua de forma eficaz e prazerosa nesse processo de configuração/reconfiguração, o que é de extrema relevância para a formação do sujeito social.

2 – Procedimentos da pesquisa e tempo de duração previsto para o envolvimento do voluntário

Será aplicada, neste trabalho de pesquisa, uma crônica narrativa de Luis Fernando Verissimo, a fim de verificar a teoria pesquisada, no que diz respeito à produção de subjetividades no sujeito, a partir do contato com o texto literário.

As atividades com o texto selecionado será realizado na sala de aula, durante a aula de Língua Portuguesa, no turno da manhã, por esta pesquisadora.

Assim, na sala de aula previamente ambientada (mesas e cadeiras dispostas em forma circular), a pesquisadora apresentará a crônica narrativa selecionada, seguida pela discussão de ideias acerca da temática presente no texto e posterior produção de uma autonarrativa (ideias, percepções, subjetivações a partir do contato com o texto), ou seja, o produto da interação entre texto e leitor.

Após o trabalho em sala de aula com o texto literário, far-se-á a interpretação das autonarrativas produzidas pelos alunos, a partir dos elementos teóricos estudados.

3 – Benefícios que podem ser esperados com a realização da pesquisa

Acreditamos que é importante entender o processo que ocorre na relação entre obra de arte e receptor para que a vivência estética não seja feita aleatoriamente. Entendemos que a escola deve estar preparada para possibilitar e desenvolver em seus educandos vivências estéticas consistentes, sem banalizar a obra de arte e a capacidade criadora de seus receptores.

Desse modo, acreditamos que o texto literário é um aliado do leitor na construção de si, na medida em que, durante a atividade de leitura, o leitor dialoga com o texto, interage com ele, compartilha sentidos e emoções, refazendo-se a cada texto, numa constante renovação. A prática proposta constitui-se num campo de relativismo, suscitando a reflexão, a crítica e a transformação.

4 – Direitos do voluntário

O voluntário dessa pesquisa tem o direito de se retirar do estudo, a qualquer momento, sem que isto represente qualquer tipo de prejuízo para o seu atendimento dentro da instituição onde o projeto está sendo realizado.

5 – Garantia de confidencialidade e privacidade às informações coletadas

A pesquisadora compromete-se formalmente, quando da divulgação dos resultados da pesquisa, com a preservação dos dados dos participantes do estudo. Isso inclui a não

utilização de iniciais, números de registros em instituições ou quaisquer outras formas de identificação.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, todos acima listados.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo a sua pessoa;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando.

A Pesquisadora Responsável por este Projeto de Pesquisa é a Professora Luciane Vieira, (Fone: (55) 91464150).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Santa Maria, ____ de agosto de 2011.

Nome do(a) aluno(a) Voluntário(a)

Assinatura do(a) aluno(a) Voluntário(a)

Nome do Responsável Legal

Assinatura do Responsável Legal

ANEXO B – A crônica *Caras novas*, de Luis Fernando Verissimo

Caras novas

O Rio é a capital mundial da operação plástica. Não param de chegar estrangeiros para ver, não o Pão de Açúcar, mas o Pitanguy. Quem não consegue reserva com o Pitanguy recorre a outros restauradores brasileiros, com menos nome mas igualmente competentes (é o que dizem, eu não sei. Na única vez que consultei um cirurgião plástico ele foi radical: sugeriu outra cabeça. E aquela história do cara que era tão feio que foi desenganado pelo cirurgião plástico?). Os responsáveis pelo turismo no Rio podiam montar um balcão no aeroporto – reserva de cirurgião – para receber os visitantes que chegam tapando o rosto e pedindo informações.

- Que tipo de operação o senhor deseja?

- Papada. Quero um bom homem de papada.

O cirurgião plástico, injustamente chamado de gigolô da vaidade, desempenha uma função social muito importante. Os eventuais exageros não são culpa sua. São os clientes que insistem.

- Minha senhora, é impossível esticar a sua pele ainda mais. Já lhe operei 17 vezes. Não tenho mais o que puxar.

- Desta vez só quero que você me tire esta covinha do queixo.

- Isso não é covinha. É o seu umbigo.

Antigamente a cirurgia plástica era um recurso extremo.

- Querida, que bobagem, operar o nariz. Eu gosto do seu nariz assim como está. Casei com o seu nariz quando casei com você.

- Acontece que eu não agüento mais o meu nariz. Não posso viver com ele mais nem um minuto. Não quero mais ver esse nariz nem mais um minuto.

- Mas uma operação plástica...

- Você tem que escolher: ou ele ou eu.

Hoje só falta dar nas colunas sociais:

“Gigi Gavrache reuniu um grupo de amigos para a inauguração de seu novo queixo – o terceiro em dois anos – que recebeu muitos elogios. ‘Voluntarioso’, ‘sensível’, ‘um clássico’, foram alguns dos comentários ouvidos durante a noite. ‘Não posso me queixar...’ disse Gigi, com sua conhecida verve.”

“Muito comentado o encontro casual de Dora Avante e Scaninha Vabis na pérgola do Copa, sábado pela manhã. As duas estavam com o mesmo nariz. Domage...”

Imagino que no mundo da cirurgia plástica – que é uma forma de escultura com anestesia – devem existir algumas das mesmas instituições do mundo das artes, que também são plásticas. Como a fofoca.

- O que você está achando da nova fase dele?

- Muita influência estrangeira. Só dá perfil romano.

- Achei o queixo da Gigi bem solucionado.

- Mas nada original. Eu estava fazendo queixos assim há cem anos. O romantismo está ultrapassado. Ele não evoluiu.

- Por sinal, não deixe de ir ao meu *vernissage*.

- *Vernissage*?

- Vou expor alguns traseiros. Meu trabalho mais recente.

Mas tem um problema que me preocupa. Digamos que a americana rica se operou com o Pitanguy. Está contentíssima com o resultado e prepara-se para embarcar no avião de volta a Dallas. Ela tem que passar pelas autoridades no aeroporto.

- Seu passaporte, senhorita.

- Senhorita, não, senhora.

- Perdão.

- Obrigada.

- Mas... este passaporte não é seu.

- Como que não? Aí está o meu nome. Gertrude sou eu.

- Mas a fotografia é do Ronald Reagan.

- Ridículo.

- Aqui está. O Ronald Reagan de peruca.

- Essa sou eu.

- Impossível, senhorita. Vamos ter que confiscar este passaporte. Providencie outro com a sua fotografia.

**ANEXO C – Cópia das autonarrativas produzidas pelos alunos a partir
da leitura não mediada**

**Anexo D – Cópia das autonarrativas produzidas pelos alunos a partir
da leitura mediada**